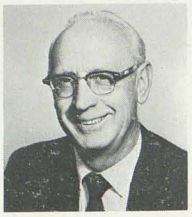


# A Liahona

24 6 junho 1971

# MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO



**Doyle L. Green**

O **sucesso** de uma revista não pode ser julgado por seu tamanho ou número de páginas, nem por suas ilustrações, "layout" ou quantidade de côres que apresenta. Em ultima análise, valerá sòmente o que consegue fazer por seus leitores. Das muitas cartas e relatos em nossos arquivos, enviados por aquêles que têm sido abençoados em virtude das revistas publicadas pela Igreja, escolhi apenas um exemplo para êste breve espaço.

O superintendente da AMM de uma ala do Vale do Lago Salgado conta a seguinte história: Embora tivesse nascido na Igreja e também batizado, afastou-se dela ainda jovem. Quando se apaixonou por uma môça SUD, ela aceitou casar-se com êle, mesmo que não pudesse levá-la ao templo. Posteriormente, sua mulher procurou corrigir seus maus hábitos e interessá-lo na Igreja, conseguindo apenas que seu antagonismo aumentasse.

Certa noite, sentado sòzinho na sala, fumando um cigarro, enquanto as crianças dormiam e sua mulher estava em uma reunião, pegou ociosamente uma de nossas revistas e pôs-se a folheá-la. Em dado momento, um artigo ilustrado por dois atletas praticando boxe chamou sua atenção. Sendo afeiçoado de esportes, achou que poderia ser algo sôbre boxe e, assim, começou a ler. Mas, em lugar disso, tratava-se da narração de um homem que vencera o vício do fumo e contava o quanto isto fizera por êle e sua família.

Ao terminar tal artigo, êsse nosso irmão ficou a meditar sôbre sua adorável espôsa e as crianças; então, reparando na sala enfumaçada, o cinzeiro repleto de pontas de cigarros e as manchas de nicotina nos dedos, decidiu nunca mais fumar. Juntando todos os maços que restavam, lançou-os ao lixo e fiel à sua decisão, largou o cigarro definitivamente. Esforçou-se àrduamente a vencer também os outros maus hábitos, passou a pagar o dízimo e, após certo tempo, pôde levar a espôsa e filhos à casa do Senhor, a fim de serem selados para o tempo e a eternidade.

## Nêste Número


**Mensagem de Inspiração.** Doyle L. Green 2
**As Novas Revistas...** Pres. Joseph Fielding Smith 3
**A Igreja e suas Revistas.** Doyle L. Green 5
**A Respeito do Chamado...** Pres. Joseph F. Smith 8
**Àqueles que Ensinam...** Pres. Heber J. Grant 9
**"Dê uma Oportunidade ao Senhor".** Pres. George Albert Smith 11
**Namôro e Casamento.** Pres. David O' McKay 13
**Nosso Senhor, o Cristo.** James E. Talmage 14
**Milagre na Nova Zelândia.** Lorin F. Wheelwright 16
**O Poeta Que se Tornou um Profeta.** Wendell J. Ashton 17
**Momentos Brilhantes.** Lucile C. Reading 20
**A Importância de Ser Alma.** Robert Spencer 21
**Quem é a Juventude?** Pres. J. Reuben Clark Jr. 22
**A Igreja tem o Monopólio da Verdade?** John A. Widtsoe 25
**Reunião Familiar.** Joseph F. Merril 27
**Sociedade de Socorro.** Pres. Belle S. Spafford 28
**O Menino e a Aranha.** Nora A. Richardson 30
**Notícias da Igreja no Brasil.** 32
**Auto-Análise.** Richard L. Evans 36


## Capa

A **capa dêste mês** reproduz outra obra do pintor William Whitaker, desta vez ilustrando aquela manhã de outono, 22 de setembro de 1823, em que o jovem Joseph Smith Jr. procurou seu pai no campo, a fim de contar-lhe, seguindo as instruções do anjo Morôni, sôbre a visão que tivera e dos mandamentos recebidos na noite anterior. Após ouvir atentamente o relato do rapaz, o pai disse simplesmente que "era de Deus, e... que fôsse e fizesse como o mensageiro mandara." (Joseph Smith, 2:48-50).


A Liahona 24/6 junho 1971

Publicação Mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
**CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO**
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675 — 282-5948

**EDITOR**
Hélio da Rocha Camargo

**REDATOR**
Aldo Francesconi

**ESTACA SÃO PAULO**
R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

**ESTACA SÃO PAULO LESTE**
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

**CORRESPONDENTE**
Dante T. J. Pantiga

**ESTACA SÃO PAULO SUL**
R. Catequese, 432, Santo André, SP

**CORRESPONDENTE**
Nívio Varella Alcover

**MISSÃO BRASIL CENTRAL**
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

**CORRESPONDENTE**
Michael Deputy, James Wilson

**MISSÃO BRASIL SUL**
R. Dr. Flôres, 105, 14.°
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel. 24-9748

**CORRESPONDENTE**
Robert Levonian

**MISSÃO BRASIL NORTE**
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

**CORRESPONDENTE**
Michael A. Hutchings

**CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL**
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

**CORRESPONDENTE**
Manoel Marcelino Netto

**A LIAHONA** — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.° 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.° 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

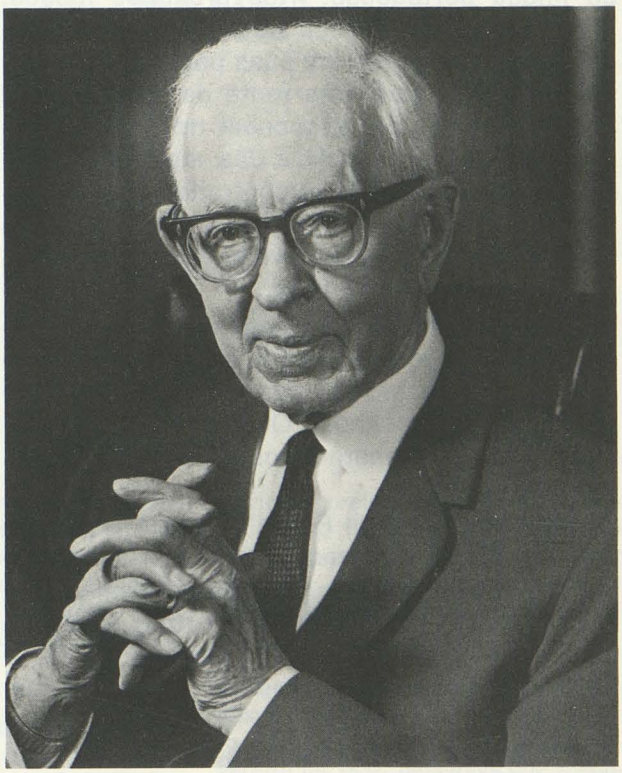
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações expontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

**SUBSCRIÇÕES:** Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr$ 10,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,00; exemplar atrasado: Cr$ 1,20. As mudanças de enderêço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo enderêço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.



L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

# As Novas Revistas da Igreja



**Presidente Joseph Fielding Smith**

O **presente número** d'**A Liahona** marca o fim de um começo. Desde sua introdução em 1948, transcreveu artigos selecionados dos periódicos **Improvement Era**, o **Instructor** (Instrutor), a **Relief Society Magazine** (Revista da Sociedade de Socorro), e o **Children's Friend** (O Amigo das Crianças). Em dezembro de 1970, essas revistas encerraram sua publicação.

Reconhecendo a necessidade de fortalecer a família, unidade básica da Igreja, a Primeira Presidência e o Quorum dos Doze determinaram que, a partir de janeiro de 1971, fôssem

publicadas três novas revistas — — **Ensign** (Insígnia) para adultos, **New Era** (Nova Era) para os adolescentes e jovens, e **The Friend** (O Amigo), para as crianças. Em abril, queridos irmãos, vocês receberam na "A Liahona" artigos escolhidos de duas destas excelentes revistas, **Ensign** e **Friend.** No próximo mês, além dos artigos destas duas, nossos jovens de todo o mundo tomarão seu primeiro contato com a **New Era.**

Recomendamos com insistência que todos vocês tenham em seu lar "A Liahona", publicação oficial da Igreja, destinada às famílias de língua portuguêsa. Nos próximos meses, leiam e integrem em sua vida as grandes verdades que encontrarão em suas páginas. Esta revista também será uma fonte de fôrça e auxílios para o estudo do manual de reuniões familiares, do Sacerdócio e das auxiliares, bem como das escrituras encontradas nas obras-padrão da Igreja. Dispomos, na verdade, de guias inspirados para a vida eterna e para a salvação nos dias de hoje.

Muitos de nós têm considerado as revistas como amigos de tôda a vida. Quantas memórias preciosas suas páginas nos têm dado no decorrer dos anos! Quantos conselhos e alegrias proporcionaram aos seus membros em todo o mundo!

Meu pai, Joseph F. Smith, sexto presidente da Igreja, tinha plena consciência dos serviços prestados pelas publicações da Igreja, na edificação de lares sólidos e firmes testemunhos. Serviu como diretor responsável tanto da **Improvement Era** como de **Juvenil** e **Instructor.**

Meu pai foi o homem mais sensível que jamais conheci. Sentia-se perpètuamente atraído pelos oprimidos e desamparados. Dedicava um amor todo especial às crianças pequenas. Amava a tôdas elas e não suportava vê-las maltratadas.

Era um pregador da justiça, e a sinceridade de suas palavras insinuava-se na alma dos homens. Falava como pessoa possuidora de autoridade, e com firmeza, convicção e confiança nascidas do conhecimento das coisas verdadeiras. Em seu testemunho, não havia lugar para dúvidas ou incerteza. Isto acontecia especialmente ao referir-se à divindade de nosso Salvador e à missão de seu tio, o profeta Joseph Smith.

Minhas mais caras memórias são as horas passadas ao lado de meu pai, discutindo os princípios do Evangelho e recebendo instruções como só êle as sabia dar. Assim foram lançados os fundamentos do meu conhecimento da verdade, de modo que eu também pudesse saber que meu Redentor vive e que Joseph Smith foi, e é um profeta do Deus vivente.

Já como criança, ganhei o testemunho do chamado profético de Joseph Smith e Brigham Young. Êste, de quem meu pai era grande amigo, faleceu quando eu tinha um ano de idade. Em minha juventude, conheci pessoalmente os presidentes John Taylor, Wilford Woodruff e Lorenzo Snow.

Na ocasião em que fui ordenado apóstolo, os ex-presidentes Heber J. Grant, George Albert Smith e David O. Mckay faziam parte do Conselho dos Doze, e todos já haviam trabalhado como editôres da revista **Era.** Conheci-os como homens escolhidos de Deus, destemidos em sua dedicação ao fortalecimento da Igreja e do reino de Deus aqui na terra.

O testemunho individual e pessoal é e sempre será a fôrça da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Não há melhor maneira de cultivá-lo do que no ambiente familiar. Depois de obtido, êsse testemunho será solidificado nas reuniões da Igreja, através da oração e do estudo das palavras dos profetas, registradas em escritos antigos e modernos, e por meio do trabalho na Igreja. A Liahona é um grande auxiliar das famílias de língua portuguêsa, ajudando cada membro a ganhar um testemunho — e lembrem-se, a conquista e conservação de testemunhos deve ser um projeto familiar. Não negligenciem nada que possa fortalecer o testemunho de qualquer membro de sua família.

Sei que Jesus Cristo, nosso Irmão Maior, é o cabeça desta Igreja, conforme está sôbre a terra, e que êle dirige suas atividades e nos abençoará de acôrdo com a fidelidade com que seguirmos os conselhos e orientação dados por seus servos escolhidos.

Oro para que cada um de nós possa apoiar os líderes e as publicações da Igreja.

**Temos o prazer de apresentar, neste número, uma seleção dos artigos publicados em anos passados, nas revistas "Improvement Era", "Instructor", "Relief Society Magazine" e "Children's Friend".**

# A Igreja e Suas Revistas

**Doyle L. Green**

**Desde os primórdios da Igreja** na atual dispensação, a palavra impressa tem desempenhado um relevante papel. A palavra impressa da Bíblia levou Joseph Smith ao Bosque Sagrado, naquela manhã da primavera de 1820. A palavra gravada nas placas de ouro, transformada na palavra impressa do Livro de Mórmon, testificou a veracidade da Bíblia e revelou ao homem muitas verdades preciosas do Evangelho. As revelações englobadas em Doutrina e Convênios, e a história e instruções contidas na Pérola de Grande Valor, somadas aos livros acima, constituem as obras-padrão da Igreja.

Também os periódicos — jornais e revistas — têm desempenhado um papel vital na restauração do Evangelho e no estabelecimento da Igreja. Alguns dêles tiveram longa vida, outros não, acompanhando as mudanças das necessidades e circunstâncias dos tempos.

Se alguém examinar a história das publicações da Igreja, provàvelmente ficará tão assombrado quanto eu com o elevado número de periódicos editados por ela em sua existência relativamente curta, e as numerosas modificações introduzidas no decorrer dos anos.

É muito importante para qualquer organização possuir um "porta-voz", tendo sido particularmente vital para a recém-estabelecida Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, organizada sob a direção de Deus pelo Profeta Joseph Smith, a 6 de abril de 1830, dispor de meios para disseminar informações concernentes à Igreja, ao Evangelho e à palavra revelada do Senhor, entre membros e não-membros, igualmente.

O primeiro volume do documentário **History of the Church** (p. 217) revela que "foi realizada uma conferência (em 1831), na qual o Irmão W. W. Phelps foi instruído a interromper sua viagem para Missouri, em Cincinnati (Ohio), a fim de adquirir um prelo e tipos, destinados à publicação de um periódico mensal em Independence, Jackson Country, Missouri, e que seria chamado **Evening and Morning Star**" (Estrêla Vespertina e Matutina). (N. do T.).

Êste veio a ser o primeiro periódico editado pela Igreja. Um prospecto emitido pelo Irmão Phelps, em fevereiro de 1832, declarava que a época para o cumprimento dos propósitos do Senhor se aproximava ràpidamente. "Por isso", dizia o prospecto, "em temor a êle (o Senhor) e para espalhar a verdade entre tôdas as nações, tribos, línguas e povos é publicado êste jornal..." Disse ainda que "além de ser um arauto da volta de Israel à graça de Deus e um mensageiro do Evangelho eterno — (o jornal) também publicará seja qual fôr a verdade ou informação que beneficiará os santos de Deus, tanto temporal quanto espiritualmente." (DHC 1:259)

O primeiro número saiu do prelo em junho de 1832, numa tipografia si-

tuada 190 km mais para o oeste do que qualquer outra nos Estados Unidos, naquele tempo. O jornal continuou sendo publicado durante catorze meses, até 20 de julho de 1833, quando a tipografia foi atacada pelo populacho, que a destruiu completamente.

A Igreja, porém, continuava precisando de um porta-voz, e assim, adquiriu outro prelo, reiniciando-se a publicação em dezembro de 1833, em Kirtland, Ohio, sob a direção de Oliver Cowdery. Exatamente dez meses depois, o periódico foi modificado em sua composição e passou a chamar-se **Latter-day Saints Messenger and Advocate** (Mensageiro e Defensor dos Santos dos Últimos Dias. N. do T.)

O primeiro número dêsse periódico continha, entre outras coisas, um resumo dos pontos importantes da doutrina da Igreja, assinado por Oliver Cowdery. Frederick G. Williams e, posteriormente, o próprio Profeta Joseph Smith foram os editôres do jornal **Latter-day Saints Messenger and Advocate,** cujos trinta e seis números, de caráter essencialmente doutrinário, contribuíram em muito para a educação e fortalecimento da fé nos membros da Igreja.

Em outubro de 1837, o nome do periódico foi novamente mudado, passando a denominar-se **Elder's Journal** (Jornal dos Élderes. N. do T.). Foi editado e publicado por Joseph Smith Jr., Thomas B. Marsh, Don Carlos Smith e outros, até agôsto de 1838.

Para nós, é difícil até mesmo imaginar as extremas dificuldades sob as quais êsses irmãos trabalhavam para publicar o periódico, naqueles tempos de severa perseguição. Conseguiram editar apenas dois números do **Elder's Journal** em Kirtland, pois, em novembro, o populacho ateou fogo às oficinas e destruiu a maquinaria. Voltou a circular no verão de 1838, em Far West, Missouri, mas as perseguições tornaram-se tão violentas, que foram impressos sòmente mais dois números.

No verão de 1838, 2.000 homens, liderados pelo General Samuel D. Lucas, cercaram a localidade de Far West e forçaram sua evacuação. Temendo a possibilidade de mais uma vez perderem o valioso prelo, os irmãos decidiram ocultá-lo. Durante a noite, cavaram um fôsso profundo no quintal do Irmão Dawson, no qual colocaram a prensa e os tipos, cobrindo tudo com terra. Ali ficou até a primavera de 1839, quando foi desenterrado e transferido em carroção para Nauvoo, Illinois. Depois de limpo e consertado, foi pôsto a trabalhar na impressão do periódico **Times and Seasons** (Tempos e Estações. N. do T.). Com relação a êsses acontecimentos, escreveu o Profeta Joseph Smith: "Em junho de 1839, Don Carlos Smith iniciou os preparativos para a impressão do **Times and Seasons.** O prelo e os tipos haviam sido recuperados do esconderijo no quintal de Dawson, por Elias Smith, Hyrum Clark e outros, onde fôra enterrado como medida de segurança, na ocasião em que o General Lucas e sua milícia cercaram a cidade de Far West. Naquela noite, haviam enterrado também a fôrma para um número do **Elder's Journal,** já revestida de tinta. Os tipos estavam bastante danificados pela umidade, por isso era necessário pô-los em uso o mais cedo possível. Para fazê-lo, Don Carlos foi obrigado a limpar um porão, através do qual fluía uma fonte d'água, pois era o único lugar disponível para se montar o prelo." (DHC 4:398)

O **Times and Seasons** foi sucessivamente editado por Don Carlos Smith, Joseph Smith Jr. e John Taylor, e publicado por Don Carlos Smith e Ebenezer Robinson, até que os santos foram expulsos de Nauvoo. Os 131 números dêsse periódico historiaram o crescimento de Nauvoo e o progresso da Igreja, apresentando numerosos artigos sôbre o Evangelho e assuntos correlatos, além de notícias dos campos missionários e tópicos de interêsse e importância concernentes aos santos dos últimos dias.

Em 4 de outubro de 1845, quando os santos foram obrigados a sair de Nauvoo, Élder Richards propôs "que o próximo número encerrasse a vida de **Times and Seasons** e que as atas da conferência passassem a ser publicadas no **Nauvoo Neighbor**" (DHC 7:454), semanário publicado pela Igreja.

Em 1840, a maior parte dos doze apóstolos achava-se na Inglaterra, conduzindo seus assuntos como quorum. Em maio daquele ano, inauguraram a publicação do **Millennial Star** (Estrêla Milenária. N. do T.). O prospecto dêsse periódico estabelecia que "manter-se-ão acima das notícias políticas e comerciais comuns da atualidade. Suas colunas serão dedicadas à disseminação da plenitude do Evangelho — à restauração dos antigos princípios do cristianismo — à coligação de Israel — ao estabelecimento do reino de Deus entre as nações — aos sinais dos tempos — ao cumprimento de profecia — registrando os juízos de Deus conforme atingirem as nações, seja por prodígios nos céus ou sinais na terra, sangue, fogo ou vapor de fumo (Ver Atos: 2:19). ... e a anunciação do seu (de Cristo) reino universal na terra. Publicará também missivas de nossos numerosos élderes que estão fora, pregando a palavra tanto na América como na Europa,

dando notícias de seu sucesso na administração das bênçãos do glorioso Evangelho." (DHC 4.133). O periódico cumpriu êste elevado ideal sob todos os aspectos.

Quando os santos avançaram para o oeste, na grande jornada para as Montanhas Rochosas, Orson Hyde começou a publicar um periódico quinzenal em Kanesville, Iowa, sob o título de **Frontier Guardian** (Guardião da Fronteira. N. do T.), cuja circulação durou três anos.

O **Deseret News,** publicação iniciada em 1850 como primeiro jornal das Rochosas, tem sido o órgão oficial da Igreja há mais de um século. A princípio, foi um semanário por diversos anos, passando depois a bisemanal, e eventualmente a diário.

Muitos outros periódicos foram publicados pela Igreja, conforme surgiam as necessidades.

O primeiro criado especìficamente para uma auxiliar da Igreja foi o **Juvenile Instructor** (Instrutor Juvenil. N. do T.), iniciado em 1866, passando à propriedade da Escola Dominical, em 1900. Era essencialmente uma revista para crianças até 1930, quando seu nome foi mudado para **Instructor,** tornando-se um órgão da Escola Dominical, seus oficiais e professôres.

A Associação de Melhoramentos Mútuos - Rapazes obteve um portavoz com a revista **Contributor**, que circulou para esta Auxiliar, de 1879 a 1896. Um ano depois, foi criada a revista **Improvement Era** que, em 1929, fundiu-se com a **Young Woman's Journal,** publicada pela AMM-Môças desde 1889.

A Sociedade de Socorro publicou uma revista chamada **Woman's Exponent,** de 1872 a 1914. A partir de janeiro de 1915, o nome foi mudado para **Relief Society Magazine,** continuando a ser publicada como órgão oficial dessa auxiliar até dezembro de 1970.

O **Children's Friend,** periódico mensal publicado pela Junta Geral da Primária, foi iniciado em 1902.

O ano de 1967 marcou algumas importantes mudanças concernentes às revistas publicadas em outras línguas que não o inglês. Em março daquele ano, apareceu a primeira edição do "unified magazine", em nove idiomas europeus. À medida que a liderança de outras missões reconhecia o valor e potencial dessa publicação, outras línguas foram acrescentadas, estendendo-se o serviço em pouco tempo a outras regiões, inclusive à Polinésia e ao Extremo Oriente. Hoje, a revista está sendo editada em 17 idiomas, incluindo-se a edição em inglês para os índios americanos.

Entretanto, isto não significa que as publicações da Igreja em outros idiomas se tenham iniciado naquele ano. A criação de missões em tôdas as partes do mundo era acompanhada pela edição de periódicos, a fim de manter os santos informados do progresso da Igreja, e para transmitir-lhes palavras de inspiração e confôrto de seus líderes. Traçando as histórias dessas publicações, encontraríamos grandes exemplos de coragem e sacrifício por parte dos santos do mundo inteiro. Muitas delas tiveram vida curta, enquanto outras apresentam uma existência longa e ilustre. O periódico **Der Stern** (A Estrêla), em alemão, foi criado em 1869, um século antes do "unified magazine", apresentando uma longa e honrosa história de serviços prestados ao povo germânico. A revista **Spanish Liahona** circulou em 1945, e **L'Etoile,** em francês, iniciou sua publicação em 1926. A primeira revista da Igreja publicada no Brasil, iniciou sua circulação em janeiro de 1948, sob o título de **A Gaivota,** posteriormente, em dezembro de 1950, apurou-se que já se publicava no país outra revista com aquela denominação, sendo-lhe mudado o título em janeiro de 1951, passando-se a chamar **A Liahona**, que vigora até hoje.

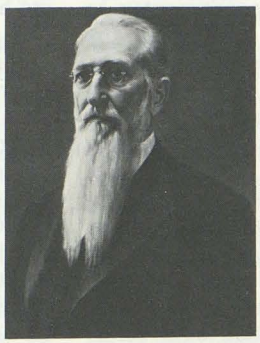
O propósito do "unified magazine" é tornar acessível aos santos de tôda a parte o máximo possível dos programas da Igreja. Desde sua criação em 1967, até a edição de abril de 1971, o material para êsse periódico era selecionado de quatro dos já existentes: **Improvement Era, Instructor, Relief Society Magazine** e **Children's Friend.** Agora, acrescentou-se nova página à história das revistas da Igreja. Em 1970, deliberou-se encerrar a publicação dessas quatro revistas em inglês, e também do **Millennial Star,** substituindo-as por três periódicos novos — **Ensign of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints,** destinado aos adultos, **New Era** para os membros jovens e **Friend** para as crianças. Estas revistas, cuja edição se iniciou em janeiro de 1971, formam uma "família" de publicações correlacionadas da Igreja, iniciadas e publicadas sob a direção da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze. Elas fornecerão o material para o "unified magazine".

A Primeira Presidência espera que a revista **Ensign** ou o "unified magazine" (A Liahona, em português) possa ser encontrada em cada lar, possibilitando, assim, que as mensagens dos líderes da Igreja alcancem mensalmente todos os seus membros.

Êste é um programa inspirado.

# A Respeito do Chamado e Desobrigação

**Presidente Joseph F. Smith**



**Presidente Joseph F. Smith, sexto Presidente da Igreja. 1901-1918**

Todos os santos dos últimos dias certamente reconhecem que a Igreja é maior do que qualquer homem e deve merecer maior consideração, seja qual fôr o caso, do que o indivíduo. A vida humana é transitória, mas a Igreja, a causa de Deus, permanece para sempre. A fidelidade à Igreja é uma das características dos santos dos últimos dias, que não medem qualquer sacrifício necessário feito em benefício dela. Todo membro SUD fiel está disposto a fazer a sua parte para o progresso da Igreja. Todos os anos, são chamados centenas de missionários, que vão pelo mundo afora por dois, três ou mais anos, ocupando cargos em vários campos de trabalho e, ao cumprirem a sua parte, são substituídos por novos voluntários. Retornarão para casa, assumindo outros encargos e posições. Não encaram a desobrigação, após fiel cumprimento de seus deveres, como indesejável ou importuna.

Em sua cidade, os irmãos são chamados a trabalhar pela Igreja nos bispados, como presidentes de estaca, ou outros ofícios; e também êles, ao terminar seu trabalho e quando o interêsse da Igreja o exigir, podem ser desobrigados, chamando-se outros para substituí-los. Ser desobrigado de qualquer chamado após trabalhar com dedicação, não é desonra, assim como não o é do labor missionário em outro país. Quando um homem envelhece e torna-se fìsicamente incapaz para os árduos encargos requeridos de certos oficiais da Igreja, outra pessoa mais môça, no vigor da idade adulta, deve ser escolhida para ocupar o seu lugar homens fìsicamente mais aptos a suportar o fardo do trabalho. Portanto, ser desobrigado de qualquer posição ocupada, certamente não é nenhuma desgraça, desonra ou humilhação.

Os irmãos são chamados a ocupar cargos pelas autoridades presidentes, por inspiração do Espírito. Ninguém pede ou se oferece para qualquer posição ou ofício. Nem tampouco deveria haver no Sacerdócio pedidos de demissão. Todos devem estar prontos para aceitar um chamado ou a desobrigação, conforme o caso, segundo o que fôr considerado o melhor para os interêsses da Igreja, pelos irmãos cujo dever é tratar dêsses assuntos. Não se deixa um cargo na Igreja como um profissional ou político: demissões não são aprovadas na Igreja, e portanto, nenhum homem que tenha recebido um chamado do Sacerdócio deve pedí-la; mas, por outro lado, sempre deveria sentir e realmente o faz, se possuir o espírito certo, que está disposto e pronto a ser honrosamente desobrigado, caso o exigir o interêsse da Igreja. Deveria ver que seu ofício e chamado são encargos das autoridades, e deve transmitir tal disposição a seus irmãos. Caso pretenda demitir-se por

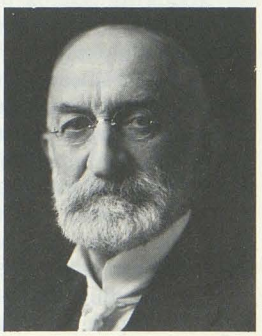
**Era,** Julho de 1907

razões pessoais ou porque acha que seu afastamento viria beneficiar o cargo, deverá submeter seu desejo às autoridades, dando ciência aos líderes que o chamaram a fim de que possam desobrigá-lo dessa responsabilidade, se seu discernimento e a inspiração do Senhor assim os orientarem. Agir de forma contrária seria nada menos que obstruir insensatamente, ou talvez de modo intencional, o progresso da Igreja. Nesses assuntos, aquêles que possuem autoridade terão e precisam ter a devida estima e respeito pelas pessoas e pelo bem-estar da Igreja, cujos interêsses são supremos.

Êste é um assunto de considerável importância. Certas pessoas parecem acreditar que, uma vez recebido um cargo na Igreja, êste será vitalício, e que o fato de ser desobrigado é uma indignidade, diminuindo seu valor e reputação. Isto é uma idéia totalmente errônea, e todos os oficiais devem saber que aquêle que ordena e designa tem o pleno direito de afastar ou desobrigar, sem que isto implique em indignidade, vergonha ou desonra. Todos os homens que ocupam cargos na Igreja deveriam antes sentir-se prontos a aceitar a desobrigação, se acharem que outra pessoa poderia desempenhar o trabalho melhor do que êles, e se os irmãos presidentes assim o considerarem. O direito e a sabedoria das autoridades presidentes no tocante aos chamados e desobrigações deve ser reconhecido. Como já foi dito, ser desobrigado honrosamente de qualquer ofício na Igreja não implica em vergonha, desonra ou rebaixamento, seja da presidência de uma missão, como missionário em qualquer parte do mundo, de um bispado ou qualquer outro cargo entre o povo.

# Àquêles Que Ensinam Nossos Filhos

**Presidente Heber J. Grant**



**Presidente Heber J. Grant, sétimo Presidente da Igreja, 1918-1945**

**Era,** Março de 1939

**Não existe** outro labor no qual possamos engajar-nos mais agradàvelmente aos olhos do Pai Celestial do que trabalhar pelas crianças na Igreja de Jesus Cristo. Não resta dúvida de que as impressões recebidas pela mente das criancinhas inocentes, rapazes e môças têm um efeito mais duradouro sôbre sua vida futura do que em outra época qualquer. Expressando-se de maneira figurada, seria como escrever sôbre uma fôlha totalmente em branco, sem nada que possa obscurecer ou confundir o que grafamos.

Muita gente consegue maravilhoso desempenho na batalha da vida, mesmo que tenha feito coisas inaceitáveis aos olhos do Senhor ou prejudiciais a si própria em sua juventude; mas é muito melhor fazer com que as crianças, se possível, iniciem a batalha da vida sem nada escrito nas páginas do tempo, exceto boas ações e pensamentos elevados. Há um ditado que diz: "É de pequeno que se torce o pepino". Vocês, que ensinam nossas crianças, estão engajados no trabalho de torcer o pepino.

Em Doutrina e Convênios, está registrado que, se os pais não instruirem os filhos a terem fé no Senhor Jesus Cristo — ensinando-os a orar e andar retamente

perante o Senhor — antes de atingirem oito anos de idade, o pecado cairá sôbre a cabeça paterna. (Ver D&C 68:25,28). Aos professôres das crianças, cabe assistir os pais na tarefa de moldar as vidas infantis. Conseqüentemente, êles também têm enorme obrigação, sendo responsáveis pelo que ensinam.

Desde o momento em que as crianças começam a freqüentar a Escola Dominical, a Associação Primária, AMM e os seminários, é de suma importância que sua mente receba impressões benéficas. A profunda gratidão que sinto pelos mestres que tive como criança na Escola Dominical da 13.ª ala perdurarão, estou certo, através do tempo e de tôda a eternidade.

Não há nenhum dividendo proveniente de qualquer fonte ou riquezas mundanas que se possa comparar ao conhecimento íntimo de que se foi um instrumento nas mãos de Deus, moldando uma vida para o bom caminho; e posso prometer aos professôres justos da nossa juventude que, com o passar dos anos, receberão ricos dividendos de reconhecimento e ação de graças daquelas pessoas que, em criança, foram influenciadas para o bem através de sua instrumentalidade.

Muitas e muitas vêzes externei minha profunda gratidão ao Irmão Hamilton G. Park, que foi o professor da minha classe na Escola Dominical, durante meus anos de infância e adolescência. Sei que nunca poderei agradecer-lhe suficientemente pela maravilhosa impressão benéfica que recebi, e pelos marcantes testemunhos prestados em aula, relatando suas experiências como missionário e sôbre as bênçãos e o poder de Deus que o acompanharam, enquanto proclamava o Evangelho nas duas missões cumpridas em sua terra natal, a Escócia.

Aguardo com vivo prazer o reencontro no além com Hamilton G. Park, George Goddard, Bispo Nelson Empey, Bispo Edwin D. Wooley, Bispo Millem Atwood e outros, que influenciaram para o bem a minha mente e meu coração, quando menino. Poderia mencionar ainda uma porção de outros aos quais devo obrigações. Serei grato por tôdas as eternidades a êsses homens pelo que fizeram por mim.

Talvez achemos que as impressões por nós causadas não sejam duradouras, mas posso afiançar-lhes que o são. Tenho plena certeza de que o testemunho prestado por um professor diante das criancinhas, sob a inspiração do Deus vivente, é coisa muito difícil de ser esquecida por elas.

Sempre serei grato a Eliza R. Snow,[1] gratidão superada apenas pela que devo à minha mãe, por tôdas aquelas coisas maravilhosas que me contou em menino, quando me encontrava ou eu aparecia em Lion House,[2] levando uma mensagem para a "Tia Eliza", como costumava tratá-la desde que me lembro. Ela fazia questão que me sentasse um pouco, para conversar comigo. Contava-me inúmeros acontecimentos inspiradores de sua vida em Nauvoo, onde morara quando mocinha com minha mãe, e também da vida do Profeta Joseph Smith, que foram de grande valia para mim. Inspirou-me a determinação de levar uma vida que faria honra ao meu pai e minha mãe.

Lembro-me perfeitamente também dos maravilhosos ensinamentos recebidos do falecido Erastus Snow.[3] Embora residisse a 560 Km da cidade de Lago Salgado, raramente deixava de visitar-nos por ocasião das conferências gerais ou quando vinha em alguma missão especial, e perguntava-nos como estávamos passando, e a mim se eu estava cumprindo meus deveres, o que costumava fazer e com quem andava. Nunca, enquanto eu viver e também no além-túmulo, poderei deixar de ser grato pelos maravilhosos testemunhos e os esplêndidos conselhos paternais recebidos dêsse homem.

Todos os nossos professôres, sem exceção, têm a oportunidade e o poder, sob a inspiração do Espírito de Deus, de impressionar benèficamente os corações e almas das crianças inocentes e dos jovens que se iniciam na batalha da vida. Oro com todo o fervor d'alma que Deus os ajude em seu trabalho, e prometo-lhes que êle o fará. O importante é que vocês tenham amor a êsse trabalho e o executem sob a influência do Espírito do Deus vivente. Eis tôda a diferença entre a Igreja de Jesus Cristo e a gente do mundo. Êles conhecem a letra do Evangelho; pregam os ensinamentos da Bíblia de maneira diligente e muitos crêem tão fortemente e tentam cumprir seus preceitos tão bem como nós; mas, falta-lhes o Espírito do Deus vivente. Por quê? Porque não possuem o poder do Sacerdócio e não aceitaram o Evangelho como nós o fizemos.

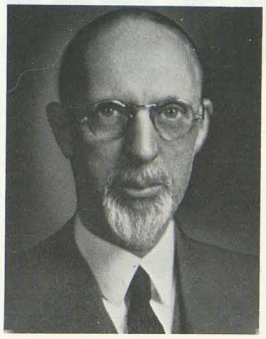
Que Deus abençoe a cada um dos professôres, a fim de que possam crescer na luz e no conhecimento do Evangelho, no seu poder e espírito. E para que tenham a capacidade e a habilidade de transmiti-lo àqueles a quem ensinam.

---

1. **Eliza R. Snow — Conhecida como exímia poetisa e escritora na Igreja, 1804-1887.**
2. **Residência de Brigham Young, em Salt Lake City, Utah.**
3. **Erastus Snow — Apóstolo no tempo de Brigham Young, 1818-1888.**

# "Dê uma Oportunidade ao Senhor"

**Presidente George Albert Smith**



**Presidente George Albert Smith, oitavo Presidente da Igreja, 1945-1951**

**Lembro-me de certo dia** em que fui levado a dizer a certo missionário, de partida para uma cidade na qual era proibido realizarem reuniões na rua: "Agora, lembre-se, dê uma oportunidade ao Senhor. Você vai-lhe pedir um obséquio. Dê uma oportunidade ao Senhor e peça-lhe que abra o caminho."

O jovem missionário, chegando àquela cidade, dirigiu-se ao escritório do prefeito e pediu para falar com êle. Pretendia solicitar se poderiam revogar aquela proibição.

Chegando lá, foi informado de que o prefeito não se encontrava na cidade. Saindo do escritório, o jovem percebeu uma porta no fim do saguão, com a placa: "Escritório do Chefe de Polícia". Hesitou um momento e oüviu algo dizer-lhe: "Dê uma oportunidade ao Senhor". Entrou no escritório do chefe de polícia e contou-lhe o que desejava. Ao terminar, o policial disse:

— Bem, e qual esquina você gostaria?

Ao que respondeu:

— Não conheço a cidade tão bem quanto o senhor. Não quero pedir um local inconveniente ou no qual atrapalharíamos o trânsito. O senhor faria questão de ir comigo escolher uma esquina?

Imaginem só um missionário pedindo ao chefe de polícia que escolha um local para pregar o Evangelho!

O policial respondeu:

— Certamente, por que não?

Dentro de quinze minutos, dispunham do melhor local em tôda a cidade, com a permissão de pregar o Evangelho de Jesus Cristo e isso não acontecia desde antes da guerra. (O fato ocorreu depois da I Guerra Mundial).

Recordo ainda outro incidente dessa natureza. O Irmão John A. Widtsoe teve uma notável experiência que, provàvelmente, vocês já conhecem, pois foi publicada em anos passados. Achando-se na Escandinávia, encontrou uma coleção completa de registros genealógicos numa pequena loja de uma rua lateral, em que sentiu-se impelido a entrar sem saber a razão. Os proprietários não sabiam o que fazer com êles e, assim, pôde adquiri-los por um preço bem barato. Tratava-se de genealogias escandinavas muito valiosas, mas, se êle não tivesse orado e procurado por elas, e não houvesse obedecido ao sôpro do Espírito, não as teria encontrado. Aquêles registros, em particular, não poderiam ser copiados nem obtidos de qualquer maneira conhecida por nós.

O Senhor dispõe de meios para possibilitar as coisas que somos incapazes de fazer e nunca nos pede algo sem facilitar sua execução. Foi o que nos disse por intermédio de Néfi. Nunca pedirá nada, sem antes preparar o caminho.

"E eu, Néfi, disse a meu pai: Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens ao filhos dos homens sem antes preparar o caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." (I Néfi 3:7)

Se houver algo que o Senhor ordene ou espere que façam, e vocês não sabem como proceder, façam o melhor que puderem. Avancem na direção certa; confiem no Senhor, dêem-lhe uma oportunidade e êle nunca os abandonará.

**Era,** Julho de 1946

# Namôro e



Presidente David O. McKay, nono Presidente da Igreja, 1951-1970

**Presidente David O. McKay**

**No namôro e casamento,** podemos modificar e controlar uma grande porção de nosso meio-ambiente. Por isso, como é importante que cada um escolha o companheiro para a vida com sabedoria e devoção. Essa escolha determinará nossa futura infelicidade ou ventura. Portanto, faz parte da sabedoria associar-se sòmente com aquêles de cujo meio escolherão um parceiro compatível com seu próprio modo de ser. Se reconhecerem características negativas numa pessoa que os atraia, procurem deixar que a razão governe o coração. Não iludam a si próprios pensando que, com o casamento, a pessoa irá superar maus hábitos e traços negativos do caráter. Deixem que isto se prove antes do casamento.

Mas, quais são as características positivas que devemos procurar? Entre as mais importantes, devemos contar a honradez, lealdade, pureza e reverência. Nunca desposem alguém capaz de enganá-los, de dizer-lhes uma mentira. Não obstante, o supremo princípio diretivo é o atributo mais divino da alma — o amor.

Os rapazes e môças, no limiar da idade adulta, acabaram de ingressar na etapa da vida em que são impelidos por impulsos passionais concedidos pelos céus — digo mesmo, paixões vindas de Deus. Existem aquêles que, reconhecendo tal fato, alegam: "Já que nos foram dados, por que não satisfazê-los?" E, às vêzes, encontram anuência de modernos psicólogos. Mas não se deixem iludir. Repito, vocês estão no período da vida em que a natureza física se manifesta, mas não devem esquecer-se de que Deus também lhes dá, nesse mesmo período, o poder de raciocinar; deu-lhe capacidade de julgar, e isto com um propósito divino. Deixem que a razão e o juízo sejam seu guia — seu estabilizador.

Alguma vez já viram de perto um gerador elétrico — rodando, rodando, libertando energia e disseminando calor? Tôdas êlas dispõem de um estabilizador, pois, sem isso, todo o conjunto poderia explodir. Quando aumenta o calor, tal dispositivo assegura a compensação de modo a manter tudo sob contrôle. Assim também vocês dispõem de razão e juízo para controlar os impulsos passionais. Procurem não perder tais estabilizadores, ou poderá haver uma explosão que lhes destruirá a vida.

Encarar o casamento como mero contrato que pode ser assumido levianamente por capricho romântico, ou propósitos egoístas, e desfeito na primeira dificuldade ou desentendimento que possa ocorrer, é algo que merece severa condenação, especialmente em casos em que crianças serão as prejudicadas pela separação.

A semente de um casamento feliz é lançada na juventude. A felicidade não começa junto ao altar, mas,

# e Casamento



**Era,** Fevereiro de 1969

sim, germina durante o período de juventude e namôro. O auto-domínio na mocidade e respeito ao simples padrão moral é — primeiro, a fonte de masculinidade viril; segundo, a coroa de maravilhosa feminilidade; terceiro, o alicerce de um lar feliz; e quarto, o fator primordial que contribui para o vigor e perpetuidade da raça!

Creio sinceramente que uma quantidade de casais chega ao altar do matrimônio considerando a cerimônia como o fim do namôro.

Todos os membros da Igreja precisam encarar essa cerimônia como ponto inicial de um namôro eterno. Não esqueçamos que, durante os pesados encargos da vida doméstica, as ternas palavras de aprêço e pequenas cortesias são ainda mais apreciadas do que durante os doces dias e meses de namôro.

É passada a cerimônía do casamento e durante as dificuldades cotidianas no lar, que palavras como **obrigado, desculpe,** e **por favor,** contribuem para perpetuar aquêle amor que os conduziu ao altar.

Tenham sempre em mente os três grandes ideais que contribuem para a felicidade depois do casamento.

Primeiro, **lealdade.** Você, môço, não tem direito de mostrar interêsse por qualquer outra jovem do que sua doce espôsa, e você, marido, não tem mesmo o direito de procurar atrair a atenção da mulher alheia. O dever dela é para com seu marido, para o seu lar. Sejam leais, fiéis para com o grande convênio feito no altar!

Segundo, **auto-domínio.** Há pequenas coisas irritantes, e vocês, então, reagem imediatamente com palavras duras, erguendo a voz e ferindo o coração do outro. Não conheço outra virtude que mais favoreça a harmonia e a paz no lar do que a grande qualidade do autodomínio no falar. Reprimam as palavras ásperas que lhes vêm à mente, quando são magoados ou quando observam no outro algo que os ofenda. Em poucos instantes, sentir-se-ão contentes por não terem dito aquela palavra dura, por não terem cedido ao primeiro impulso, e o resultado certo será amor e paz no lar.

O terceiro ideal é aquela pequena e simples virtude chamada cortesia — pais demonstrando cortesia aos filhos, e êstes para com o pai e a mãe, e eis que surge um elemento refinador na família. **Lealdade, autodomínio** e **cortesia.**

Sejam quinze, trinta ou cinqüenta anos, e por tôda a eternidade — sejam tão corteses um para o outro como o eram durante o namôro. Isto faz a felicidade do lar. Não conheço outro lugar mais seguro para a felicidade do que o lar. É realmente possível torná-lo um pedacinho do céu. Na verdade, imagino o céu como a continuação do lar ideal.

# Nosso Senhor, O Cristo

**James E. Talmage**

O **Homem Supremo!** Em quem habitava a perfeita masculinidade e a plenitude corporal divina. Pelo poder e autorização do Pai, o Criador dos céus e da terra.

**Jeová,** Aquêle eternamente existente, que é de infinito a infinito, o EU SOU[2] das eternidades passadas, do tempo e das eternidades para vir.

A quem o Pai chamou de seu Escolhido, o Filho de Deus, o Primogênito dos Espíritos[3], seu Unigênito na carne.

**O Verbo** que era no princípio, que estava com Deus, que era Deus, que se fêz carne e habitou entre os homens.[4]

O Primeiro de todos os que pisaram a terra com pés mortais.

O Infante de Belém[5], o Rapaz de Nazaré[6], o Homem de Dores familiarizado com o pesar.[7]

O meu e o seu Irmão mais velho.

O Mestre preeminente.

Aquêle que foi condenado como malfeitor, morreu como homem e como Deus ressuscitou triunfante.

Redentor do homem mortal; Salvador dos efeitos do pecado, fonte de vida eterna.

O primeiro a surgir da tumba como alma ressurrecta.[8]

O conquistador da morte e do inferno.

Aquêle que há de vir, assim como foi[9] e reinará pessoalmente sôbre a terra com os seus santos.[10]

Aquêle que entregará ao Pai a terra imaculada e purificada, com suas hostes de redimidos, dizendo: "Eu venci e pisei sòzinho o lagar... Então êle será coroado com a coroa de sua glória, para se assentar no trono do seu poder e reinar para todo o sempre." (D&C 76:107-108)

Êle, que tem sido proclamado repetidamente pela voz do Pai como o Filho divino, e, de sua meninice à morte sacrificial, reconheceu sua condição exaltada como Filho do Homem. Profetas e apóstolos, tanto dos dias antigos como modernos, e o "povo comum" que o ouviu prazeroso, reverentemente atestam sua divindade. Anjos têm louvado, e demônios gritado seu nome como um de poder e divindade.

Aclamamos Jesus Cristo como Filho literal do Pai Eterno, em espírito e na carne. Êle viveu como homem entre os homens, não obstante inteiramente único, pois combinava em si os atributos da mortalidade, como herança de u'a mãe mortal, e os podêres da Divindade, recebidos como direito hereditário de seu Pai imortal.

Assim era capaz de morrer e morreu, todavia tinha poder sôbre a morte e a manteve em suspenso, até estar disposto a sofrê-la. Isto declarou, enquanto ainda em estado mortal: "Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la.

"Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la." (João 10:17-18)

Êle foi único, pelo fato de ter sido aceito e preordenado como Redentor e Salvador da humanidade, e ainda pelo aspecto de sua absoluta inocência.

Foi êle o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o **Jeová** do Velho Testamento e o **Cristo** do Nôvo. Nenhum homem pode retornar ao Pai, a não ser por intermédio do Filho, pois o nome de Jesus Cristo é o único que será dado abaixo dos céus, pelo qual os filhos dos homens poderão obter a salvação. (Ver Atos 4:12)

Êle manifestou-se em pessoa a seus profetas na presente dispensação, dirigindo-se a êles como um homem fala com outro.

É conhecido como sendo à semelhança do Pai Eterno — a imagem expressa da pessoa do Pai — pois ambos têm sido vistos e ouvidos nesta dispensação de consumação e plenitude.

Através da instrumentalidade de homens comissionados a oficiar em nome dêle, restabeleceu sua Igreja sôbre a terra pela derradeira vez, outorgando-lhe seu próprio nome — A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Organizou sua Igreja como em tempos antigos, com apóstolos, patriarcas, sumos-sacerdotes, setentas, élderes, bispos, sacerdotes, mestres e diáconos.

Novamente, como em outros tempos, tem chamado e está chamando a humanidade ao arrependimento e a ter fé, depois ao batismo pela água e ao batismo do



**James E. Talmage, Membro do Conselho dos Doze (1911-1933), autor de Regras de Fé e Jesus, o Cristo**

**Era,** Dezembro de 1932



Espírito, pela outorga do Espírito Santo por imposição das mãos de alguém com autoridade.

Manifesta seus podêres através das graças do Espírito, como vemos nos dons de revelação, profecia, línguas e de sua interpretação, por sonhos e visões inspirados, por curas e pela diversidade de dons considerados milagres pelo homem. (Ver I Cor. 12:4-10).

A **redenção** está assegurada por meio dêle e a **salvação** é tornada possível a tôda alma. A salvação abrange e excede a redenção. É o plano concebido pela mente de Deus, o Pai Eterno, e dado ao homem através de Jesus Cristo, pelo qual os resultados degradantes e desastrosos da transgressão individual poderão ser redimidos; é o meio capaz de curar o odioso mal do pecado. A redenção, ou libertação da morte, é uma garantia universal; a salvação deve ser obtida individualmente, tornando-se possível através da obediência às leis e ordenanças do Evangelho, baseadas na **expiação** efetuada por êle sòmente.

Um Redentor e Salvador é essencial à consecução da obra e glória do Pai — **"proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem."** (Ver Moisés 1:39)

Algum dia, algures, o conhecimento do Senhor virá a tôda alma, com efeito salvador ou condenador; então, todo joelho se dobrará e tôda língua confessará que êle é o Cristo, o Filho do Deus vivente. (Ver D&C 88:104 e Mosíah 27:31)

---

1. Élder James E. Talmage, membro do Conselho dos Doze (1911-1933) e autor das obras "Regras de Fé" e "Jesus, o Cristo".
2. Veja Êxodo 3:14
3. Veja D&C 93:11, 21
4. Veja João 1:1, 14
5. Veja Mateus 2:1
6. Veja Mateus 2:23
7. Veja Isaías 53:3
8. Veja I Cor. 15:20
9. Veja Atos 1:11
10. Veja D&C 76:63

# Milagre na Nova Zelândia

**Lorin F. Wheelwright**

**Milhares de santos** da Nova Zelândia e de outras partes também se emocionaram com o caso do bebê que recobrou sua visão pela bênção sacerdotal do Élder Matthew Cowley, alguns anos atrás.

Quando li pela primeira vez o relato dessa cura acontecida há anos, sentia-me tocado pela simplicidade do acontecimento em si e a maneira casual com que o Élder Cowley a contava. Raha Wineera era o nome do nenê.

"Tive algumas experiências extraordinárias," disse o Irmão Cowley ao corpo docente da Universidade de Brigham Young, em 1953. "Houve ocasiões em que o Senhor não me atendeu. Mas, quando o fêz, consegui algumas coisas miraculosas —! bem, eu não deveria usar êsse têrmo — pois é uma decorrência normal do Sacerdócio, quando se conta com a inspiração do Espírito Santo. Posso testificar a vocês, aqui esta manhã, caros condiscípulos, que Deus pode obrar através do Sacerdócio e que realmente o faz. Sei disso, sem a menor sombra de dúvida, pois tenho tido inúmeras provas. Sou testemunha versada nessas coisas."

Élder Cowley contou diversos casos de cura e outras manifestações do Santo Espírito, e depois, passou a relatar a história a seguir.

Já tenho contado o caso da criancinha de nove meses, cega de nascença. Certo domingo, seu pai a trouxe e disse-me:

— Irmão Cowley, nosso bebê ainda não foi abençoado; gostaríamos de que o fizesse agora.

— Por que vocês esperaram tanto tempo? — perguntei.

— Oh, apenas porque não deu jeito até agora.

Bem, esta é a maneira dos nativos e ela me agrada. Êles costumam não encontrar jeito de fazer as coisas! E por que não levar a vida assim e aproveitá-la? Então, respondi:

— Muito bem, qual é o nome?

Êle deu-me a informação e eu estava para iniciar a bênção, quando acrescentou:

— A propósito, aproveite para dar-lhe a visão, quando lhe der um nome. Êle nasceu cego.

Fiquei bastante chocado, mas depois, disse a mim mesmo, por que não? Ao deixá-los, Cristo disse aos apóstolos que fariam milagres. E eu tinha fé na fé daquele pai. Depois de dar o nome à criança, finalmente chegou a hora de dar-lhe a visão. O rapaz agora está com doze anos. A última vez que lá estive, senti receio de indagar sôbre êle. Tinha certeza de que tornara a ficar cego. Por isso, pedi notícias dêle ao presidente do ramo, que me respondeu:

— Irmão Cowley, abençoar aquela criança para dar-lhe visão foi a pior coisa que o senhor já fêz. É o garôto mais levado de tôda a vizinhança, sempre metido em diabruras.

Rapazes, como fiquei emocionado com as diabruras daquele menino!

... Deus possui o contrôle de todos os elementos. Vocês e eu podemos recorrer a êle e, se fôr da sua vontade, conseguiremos o mesmo contrôle em favor de seus propósitos. Eu sei que Deus vive. Sei que Jesus é o Cristo. Sei que Joseph Smith foi um profeta de Deus. E, se jamais houve milagre na história da humanidade, êste milagre é a nossa Igreja que alcançou a presente grandeza sôbre a terra...

Na qualidade de membro da junta geral da Escola Dominical, recentemente fui designado a visitar as estacas da Nova Zelândia. Enquanto lá me achava, indaguei sôbre aquêle rapaz cuja visão havia sido curada pela bênção do Élder Cowley. Informaram-me que sua irmã vivia em Hamilton, e consegui falar com ela por telefone. Perguntei-lhe:

— Seu irmão — aquêle que foi abençoado pelo Élder Cowley e ficou curado da cegueira, está morando na Nova Zelândia?

— Oh, sim — replicou. — Atualmente mora em Wellington. Quando o senhor visitar aquela estaca, provàvelmente estará presente à reunião. Êle é muito ativo na Igreja.

Verifiquei que Raha é realmente muito ativo. Qualquer antiga inclinação para as diabruras da infância há muito foi sobrepujada por uma personalidade madura e amigável. Disse-me que soube de sua cura ouvindo os testemunhos prestados pelos membros, acrescentando:

— Não dei muita importância ao fato até ter uns dezesseis anos de idade.

Depois, fêz uma declaração simples e direta:

— Tenho testemunho da Igreja e gostaria de aprender mais.

Êsse jovem é um testemunho vivo do poder do Sacerdócio. Ao falar dessa experiência na conferência geral de 1949, o Élder Cowley, então membro do Conselho dos Doze, comentou seus sentimentos na ocasião em que lhe solicitaram pedir a bênção do Senhor e dar visão àquela criança.

Senti-me desarvorado, cheio de dúvidas, mas sabia que, no âmago daquele polinésio (o pai de Raha), existia uma singela fé pueril. Uma fé não obscurecida pela psicologia ou quaisquer ensinamentos do homem, mas uma fé simples em Deus e nas promessas feitas por intermédio de seu Filho Jesus Cristo. Dei um nome àquela criança e, de alguma forma, reuni coragem suficiente para abençoá-la com a visão.

Estas palavras do Élder Cowley emocionam-me profundamente, ao relembrar minha visita à Nova Zelândia e meu encontro com Raha Wineera, cujos olhos límpidos fitavam os meus ao afirmar: "Tenho testemunho da Igreja e gostaria de saber mais."

# O Poeta Que Se Tornou um Profeta

**Wendell J. Ashton**

**Children's Friend,** Março de 1953

**Milnthorpe é uma pequena cidade** rural no noroeste da Inglaterra, não muito distante dos limites da Escócia, situada num dos chamados distritos lacustres do país.

É uma bela região de lagos calmos e límpidos, de margens densamente arborizadas. O ar é puro e fresco nas verdes colinas, ondulantes, riscadas por muretas de pedra.

É uma terra conhecida por seus poetas, alguns dos quais talvez vocês conheçam, como Wordsworth, Coleridge e Southey.

Houve outro poeta nascido em Milnthorpe, no primeiro dia de novembro do ano de 1808. Chamava-se John Taylor e tornou-se muito mais do que um poeta. Veio a ser um profeta do Senhor e terceiro presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

John era um dos dez filhos de James e Agnes Taylor. Quando rapaz, labutou nos campos de feno daquela pacífica região dos lagos. Ao atingir 14 anos, seus pais decidiram que deveria aprender o ofício de tanoeiro, isto é, uma pessoa que fabrica e conserta barris. John, então, foi trabalhar numa fábrica de Liverpool.

Mas os negócios fracassaram e o rapaz voltou para casa. Estando decidido a aprender uma profissão, foi trabalhar como torneador de madeira na localidade de Penrith, na região dos lagos. Ali trabalhou nesse ofício durante cinco anos.

Quando John tinha 22 anos, seus pais, irmãos e irmãs emigraram da Inglaterra para viverem no Canadá. John, como o mais velho dos filhos vivos, ficou para acertar os negócios.

Dois anos mais tarde, o jovem reuniu-se à sua família em Toronto, onde estabeleceu uma oficina de torneador.

Em Toronto, o jovem britânico era membro ativo da Igreja Metodista, tornando-se professor e também pregador religioso. Nas reuniões da igreja, veio a conhecer uma jovem culta e espirituosa, chamada Leonora Cannon, filha do

Capitão George Cannon, da Ilha de Man, situada no mar da Irlanda, exatamente a oeste de Milnthorpe. John casou-se com ela.

O jovem torneiro não se sentia plenamente satisfeito com os ensinamentos da Igreja Metodista e, com mais alguns outros, formou um pequeno grupo, que procurava obter mais conhecimentos da verdade. Buscavam o verdadeiro Evangelho de Jesus. O grupo reunia-se duas vêzes por semana, todos sobraçando sua Bíblia.

No meio tempo, um jovem apóstolo mórmon chegava à cidade de Hamilton, cêrca de 80 km de Toronto. Parecia um simples "fazendeiro do interior e chamava-se Parley P. Pratt. Era completamente estranho em Hamilton e não dispunha de dinheiro.

O missionário dirigiu-se a um lugar oculto na floresta e orou, pedindo ajuda ao Senhor. Voltando a Hamilton, foi abordado por um homem que lhe perguntou o nome e para onde ia. Élder Pratt respondeu que desejava chegar a Toronto. O estranho deu-lhe dez dólares e uma carta de apresentação para John Taylor.

Ali chegando, Élder Pratt dirigiu-se à casa dos Taylor, sendo recebido gentilmente pela dona da casa que, em seguida, foi chamar o marido na oficina.

Esta visita levou a reuniões com o grupo de estudos bíblicos de Taylor. John e Leonora Taylor, após cuidadoso exame, chegaram à conclusão de que o Élder Pratt possuía o Evangelho que buscavam e foram batizados, assim como alguns outros do grupo. Naquela época, John Taylor tinha vinte e sete anos.

O jovem torneiro inglês da terra dos poetas tomara agora um nôvo rumo na vida, que o levaria longe e muito alto.

Poucas semanas após o batismo, John Taylor foi ordenado élder por Parley Pratt, e os dois homens passaram e pregar o Evangelho restaurado nas cercania de Toronto . Quando Élder Pratt partiu uns poucos meses mais tarde, John Taylor ficou encarregado de todos os ramos da Igreja no interior do Canadá.

Élder Taylor, posteriormente, encontrou-se com o Profeta Joseph Smith e os dois tornaram-se amigos leais. Dois anos depois de batizado, John Taylor foi apoiado como apóstolo na Igreja.

Passado um ano, John Taylor instalou sua espôsa e filhos numa miserável e velha casinha de madeira, em Montrose, situada do outro lado do Mississipi, defronte a Nauvoo, onde os santos estavam construindo um nôvo lar, depois de terem sido expulsos do Missouri. A família lutava contra a doença e o próprio John achava-se enfêrmo. Foi nessas condições que John Taylor atendeu ao chamado da Igreja para cumprir uma missão na Grã-Bretanha, sua terra natal. Já então era conhecido entre os santos como "o paladino da justiça". Êle e seu companheiro, Wilford Woodruff, não tinham um centavo sequer. No caminho, encontraram-se com mais dois apóstolos, Parley P. Pratt e Heber C. Kimball. Élder Pratt entregou-lhes sua bôlsa, dizendo: "É tudo o que tenho" e Élder Kimball acrescentou: "Tenho um dólar que lhes entregarei para juntar ao resto".

Por quatro vêzes durante a jornada de sete semanas para Nova York, o Élder Taylor ficou gravemente enfêrmo, mas, mesmo assim, continuou a pregar o Evangelho pelo caminho e nas cidades por que passavam. Às vêzes, proferia seus sermões sentado, por causa da fraqueza das pernas. Os dois missionários cruzaram o Oceano Atlântico no meio do inverno, nas piores acomodações do navio.

Na Inglaterra, Élder Taylor foi designado a trabalhar em Liverpool, onde começara seu aprendizado de tanoeiro quando rapaz. Muita gente entrou para a Igreja através de sua pregação.

De Liverpool, John Taylor partiu com mais dois companheiros para levar o Evangelho à Irlanda, onde começaram a trabalhar em Newry, encantadora cidade litorânea aninhada nas verdejantes colinas da Irlanda setentrional. Alugaram uma sala, e depois, o pregoeiro local foi mandado anunciar pelas ruas que ali haveria uma reunião à noite. Compareceram perto de setecentas pessoas. Coube a John Taylor proferir o sermão.

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

De Newry, êle e mais um companheiro foram a outras cidades, tendo como companheiro de viagem um homem chamado Thomas Tate. Parte dela foi vencida num cabriolé Irlandês, com dois bancos longitudinais, de costas um para o outro. Depois, continuaram a pé, através das belas terras verdejantes salpicadas aqui e ali com pequenos chalés brancos.

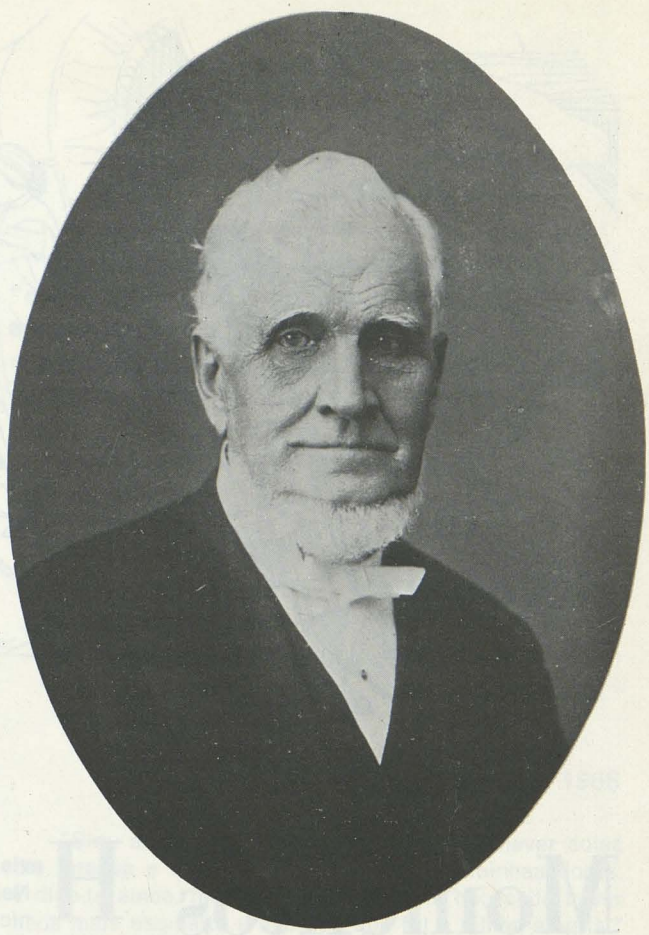
Enquanto a caminho da cidade de Lisburno, Élder Taylor explicou o Evangelho ao Sr. Tate. Ao chegarem ao tôpo de uma colina, descortinaram lá embaixo um belíssimo lago, chamado Lough Brichland. Thomas Tate gritou jubilante: "Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?" (Atos 8:36).

E ali, naquele lago, foi batizado por John Taylor. É considerado o primeiro batismo na Igreja restaurada dentro da Irlanda.

Posteriormente, John Taylor cumpriu ainda outras missões para a Igreja, novamente na Grã-Bretanha, na França, Alemanha, Nauvoo e cidade de Nova York. Escreveu poesias e algumas delas podem ser encontradas em nossos hinários atuais.

O incidente mais conhecido da vida de John Taylor ocorreu na cadeia de Carthage, no verão de 1844. Fôra prêso ali com Joseph Smith, seu irmão Hyrum e Willard Richards. Recluso num cômodo do pavimento superior, John cantou para os companheiros o hino "Um Pobre e Aflito Viajor" (Publicado n'A Liahona, Agôsto de 1967). Assim que terminou, um magote de desordeiros de caras pintadas assaltou a cadeia, assassinando a tiros o Profeta e Hyrum, seu irmão. No momento em que o Élder Taylor estava para pular da janela, uma bala atingiu seu relógio guardado no bôlso do colête, jogando-o para trás. Levou mais quatro tiros na perna, mas não morreu. Sobreviveu, para tornar-se o líder da Igreja, quando da morte de Brigham Young, em 1877.

Como presidente da Igreja, John Taylor era um profeta de cabelos de neve e olhos profundos e límpidos. Era um homem de fé, dignidade, coragem e bondade. Alguém o descreveu como um "cavalheiro inglês". Enquanto presidiu à Igreja, incentivou a construção de templos e a obra missionária.



JOHN TAYLOR
TERCEIRO PRESIDENTE
D' A IGREJA DE JESUS CRISTO
DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

Faleceu a 25 de julho de 1887, em Kaysville, Utah, finando-se assim a vida de um magnífico poeta, aos 78 anos de idade — uma vida tão bela como a região dos lagos onde se iniciou.

Epígrafe: O lema favorito do Presidente Taylor era: "O reino de Deus ou nada".

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY



**Children's Friend,** Setembro de 1961

# Momentos Brilhantes

**Lucile C. Reading**

**Havia semanas** que qualquer pessoa da família de Thomas McNeil não comia uma boa refeição. Estavam cruzando as planícies há muitos meses, subsistindo à custa do leite fornecido por sua velha e fiel vaca, e amoras silvestres. O mês de outubro de 1859 chegava ao fim, e o pequeno grupo de pioneiros ansiava por chegar a Utah, antes do início do inverno. Enquanto os adultos planejavam a casa que pretendiam construir no vale do Lago Salgado, as crianças sonhavam com as prometidas refeições de pão, carne e outros alimentos consistentes, a fim de saciar seus estômagos famintos.

A noite já há muito caíra, quando os exaustos viajores acamparam perto de Ogden, Utah, para o pernoite. Contudo, antes de se recolherem para o merecido descanso, ajoelharam-se em oração, agradecendo a chegada segura e pedindo que o Senhor os ajudasse a conseguir alimentos no dia seguinte. Todos estavam adoentados devido à quase inanição.

Bem cedo na manhã seguinte, o pai McNeil foi a pé para a localidade de Ogden, a fim de ganhar um pouco de dinheiro para a compra de mantimentos. Antes do meio-dia, algumas das crianças menores puseram-se a chorar de fome. Mãe McNeil mandou que Margaret, sua filha de uns doze anos, fôsse até uma casinha do outro lado da campina, que se enxergava do acampamento, e pedisse uma abóbora do monte empilhado junto à porta. Enquanto andava descalça, arrastando os pés pelo capim sêco, Margaret orava mais uma vez, pedindo ajuda ao Senhor.

Assim que bateu à porta, ouviu uma doce voz dizendo: "Entre, entre. Eu já estava à sua espera." Ao abrir-se a porta, Margaret sentiu a fragrância de pão recém-assado, e viu uma bondosa anciã enchendo de comida enorme caçarola. "Toma, menina," exclamou. "Você pode levar êste pão quentinho, enquanto eu carrego o resto. Alguma coisa me disse esta manhã para preparar comida a mais. Eu já sabia que você viria."

# A Importância de Ser Alma

**Quando, apanhado no proverbial "cabo de guerra", estiver sendo arrastado para o lado contrário, eis o caminho para se voltar ao lado certo.**

**Robert Spencer**

**Era,** Janeiro de 1966

**Alma, conhecido como "o filho",** por levar o mesmo nome do pai que era o sumo sacerdote chefe, ou seja, o presidente da Igreja, juntamente com os quatro filhos do Rei Mosíah, secretamente procurava destruí-la, usando "muitas palavras lisonjeiras." Os anais os descrevem como "os mais vís pecadores" (Mosíah 28:4), e Alma como "homem malvado e idólatra". (Mosíah 27:8)

Enquanto agia assim, Alma recebeu uma visita miraculosa. Apareceu-lhe um anjo do Senhor, dizendo que sua presença era uma resposta à fé, jejuns e orações de Alma, o pai. Disse-lhe que, se não cessasse seu empenho deliberado para destruir a obra do Senhor, êle próprio seria destruído.

Durante três dias e três noites, Alma suportou os tormentos dos condenados. Anos mais tarde, relatou o acontecido a seu filho Helamã:

"... enquanto eu estava sendo assim atormentado e perturbado pela lembrança de tantos pecados, eis que me lembrei também de ter ouvido meu pai profetizar ao povo sôbre a vinda de Jesus Cristo, um Filho de Deus, que viria expiar os pecados do mundo.

"E tendo fixado minha mente nesse pensamento clamei em meu coração: Ó Jesus, Filho de Deus, tem misericórdia de mim, pois que sinto o fel da amargura e estou atado com as eternas correntes da morte.

"E eis que, tendo assim pensado, não senti mais dores; e também não fui mais atormentado pela lembrança de meus pecados.

"E, oh, que alegria e que luz maravilhosa vi então! Sim, minha alma se encheu de tanta alegria quanta havia sido minha dor.

"Sim, digo-te, meu filho, que não pode haver coisa tão intensa e tão cruciante como foram minhas dores. E digo-te ainda, meu filho, que também não pode haver nada mais esquisito e doce do que foi a minha alegria." (Alma 36:17-21)

Foram as orações e a fé paterna que levaram à conversão do filho.

E Alma, o filho — que fim levou?

Tornou-se presidente da Igreja, sucedendo ao pai. Veio a ser também o juiz supremo, o pôsto eletivo mais elevado entre seu povo.

E daí?

Daí, aprendemos com Alma, o filho, que o resultado do verdadeiro arrependimento não é, aos olhos do Senhor, como —

— um madeiro no qual se fincou um prego e que, extraído, o deixa marcado;

— um pássaro de asa partida que, embora se recupere, nunca mais conseguirá voar tão alto quanto antes;

— um trem descarrilado que, embora recolocado nos trilhos, não poderá recuperar a distância perdida.

Deus nos ensinou através dos profetas que o
ARREPENDIMENTO SINCERO
TRAZ O PERDÃO
— O PERDÃO COMPLETO.

Alma arrependeu-se e Deus lhe perdoou. Tornou-se sumo sacerdote chefe, o ungido do Senhor. Aprendeu a obedecer e prencheu seu pleno potencial — nesta vida.

**Esta é a importância de ser Alma.**

# Quem é a Juventude?

**Presidente J. Reuben Clark Jr.**

**Gostaria de abordar** sòmente poucos dos inúmeros problemas com que vocês se defrontam. Previno-os de que serão os mais comuns, os óbvios, dos quais já ouviram falar repetidamente, contudo parece-me propício que ouçam mais uma vez. Dizem-lhes respeito como a juventude de hoje.

E falando em juventude, desejo tocar em alguns conceitos em que se baseia o chamado movimento da juventude atual — não porque tenha motivos para crer que vocês estejam infectados por estas idéias, pois, pelo contrário, devo supor que o espírito e os ensinamentos da Igreja lhes tenham proporcionado uma visão correta da vida, de seu sentido, elevado propósito e destino último de divindade. Faço-o meramente como recurso para imunizá-los contra um futuro contágio ou infecção. Procurarei fazê-lo com a máxima sobriedade possível, como um velho que já amealhou certa experiência, teve algumas desilusões, mas conserva uma fé que se fortalece dia a dia, com alguma visão das belezas e glórias do Evangelho e seus princípios eternos que, se obedecidos, nos conduzem à salvação e exaltação.

Nós, todos nós, ainda que tenhamos ultrapassado o marco dos setenta anos, lembramo-nos, de maneira um tanto apagada, de como nos sentimos ao terminar os estudos e receber o diploma universitário.

Embora velhos como já somos, recordamos ainda algumas das coisas que alardeamos e predissemos naquele nosso grande e longínquo dia. Hoje, sentimo-nos um tanto envergonhados com isso, pois que, mesmo à nossa visão debilitada e imaginação obscurecida, a realidade presente nada mais é que uma débil e pálida sombra de uma difamante caricatura daquelas coisas que alardeamos e profetizamos. E, no entanto, as coisas que tivemos coragem de profetizar e das quais nos jactávamos eram apenas o mais leve eco de nossos sonhos e visões.

Naquele dia distante, alguns de nós sairam do "campus", emproados como grandes guerreiros, outros sorrindo enfatuados qual conhecidos diplomatas, eclipsando até mesmo um Machiavelli em seus melhores — ou piores — momentos; outros partiram imaginando-se juristas, estadistas, oradores, pintores, dramaturgos, oficiais de gabinete e presidentes. Músculos tesos de energia, coragem abrasando o sangue, a disposição de agir era soberana; a esperança alçava-se ao tôpo das mais altas nuvens, a ambição era um leão indômito, a vitória nos estendia seus braços abertos e a fama sorria e acenava. Oh, que dia glorioso aquêle! Que grupo distinto formávamos nós!

E assim, partimos, imersos em êxtase, pisando nas nuvens. Depois, continuamos sonhando; sonhando em fazer o mundo acertar o passo, e acertá-lo com o nosso, o passo da juventude esperançosa, vibrante. Mas a juventude passou e o mundo ficou (não nós próprios), ainda fora de cadência.

Naquele tempo, aprendemos primeiro algumas coisas bastante óbvias que até então não conhecíamos na realidade. Naturalmente, vocês já não as desconhecem. Aprendemos que havia dias e noites, 24 horas num dia e 365 dias no ano; que não é possível conservar-se a mesma idade, mas envelhecemos dia a dia (isto é, a metade de nós o aprendeu); que todo ano possui quatro estações, seguindo-se sempre na mesma seqüência; que a chuva cai sôbre justos e injustos e o sol brilha igualmente sôbre todos; que quando faz frio, é frio para todos, o mesmo acontecendo com o calor. Descobrimos que a primavera é tempo de plantar e o outono época de colhêr; que, se não plantássemos na primavera, não ceifaríamos no outono; que os anos de colheita abundante podem ser seguidos, e cedo ou tarde sempre o foram, de safras pobres ou nenhuma. Descobrimos que a terra e sua gente são governadas por leis e ordem, e não por fantasias ou caprichos, nem tampouco por nossos desejos. Aprendemos que o povo, como massa, pouco liga para o que dizemos e muito menos para o que pensamos. E que a Natureza nem sequer percebe que falamos ou pensamos.

Foram estas as coisas que aprendemos; e veio-nos, daí, a consciência realista, avêssa a sonhos, como alguém que acorda de um sono profundo. Nossos olhos abriram-se paulatinamente, descerrando um mundo estranho, o mundo real.

Então veio viver conosco a plena maturidade. Começamos a sentir a pressão de ganhar a vida, as responsabilidades familiares; encontramos cobiça e avareza; viemos a conhecer decepções e falsidade; fomos afligidos por trapaças e desonestidade; os amargos conflitos da vida lançaram-se sôbre nós. Tivemos que lutar pela nossa própria sobrevivência e a dos entes queridos. Aprendemos que não podíamos enganar, engambelar, frustrar ou defraudar a natureza, nem as grandes leis naturais ou espirituais tampouco. Descobrimos que a lei sempre exige sua penalidade.

Êsse foi, para todos nós, o tempo da desilusão e, para alguns, o tempo em que morreu a esperança e o desalento veio habitar conosco. Mas, à medida que as dificuldades se avolumavam, cresceu também, naqueles de nós que viviam retamente, a fé duradoura, a esperança de vida eterna, a convicção de que Deus vive, a compreensão das verdades do Evangelho e de seus princípios salvadores, o amor a Deus e aos semelhantes, uma confiança irrestrita na von-



tade e propósitos divinos. E, assim, passamos ao amadurecimento da meia-idade.

Ao crescer o conhecimento e multiplicar-se a experiência, fomos amealhando sabedoria, o mais precioso dos dons mentais concedidos por Deus. Logo após, também essa maturidade que tão gradualmente abriu caminho entre nós, seguiu o seu caminho. Chegou então a maturação, às vêzes a maturação em excesso; e, afinal, tornamo-nos o que somos hoje, seus pais e avós, e, justificadamente — ou não — revemo-nos em vocês. E pôr têrmos passado por tôdas estas coisas de que lhes falei, como aconteceu a nossos maiores antes de nós, e antes dêles às outras gerações, podemos concluir, pela experiência obtida, que vocês trilharão caminho idêntico.

Aos que discordarem, peço que reflitam sôbre o seguinte: A experiência dos homens através das eras faz prever o que cada geração fará com seu tempo, suas obras e sua vida. Por vêzes, a humanidade é afligida por males políticos, econômicos ou morais, e a previsão parece falhar, exatamente como as enfermidades e os males físicos que atingem os homens parecem anular temporàriamente as leis de mortalidade das tabelas das companhias de seguro, que prevêem a duração da vida humana com a precisão de uma fórmula algébrica. Mas, em todos os casos, o tempo corrige tais desvios e as grandes constantes da vida humana reassumem o contrôle. Não há nada mais preciso em todo o universo do que a natureza humana, ainda que as variações individuais cheguem ao infinito. A juventude não deve esperar qualquer modificação neste princípio.

Se eu pudesse ler os pensamentos de algum adepto das idéias do movimento da juventude atual, veria impresso claramente nas páginas iluminadas de seu cérebro um protesto contra o que estou afirmando e a declaração de que os tempos mudaram; que os velhos costumes estão ultrapassados; que êste é um mundo nôvo, com novas esperanças, novas idéias, novos padrões, novas aspirações, novas realizações, novos ajustamentos; que o mundo pertence à juventude que agora está para assumir sua herança, há muito preterida.

Para nós, que labutamos e lutamos uma vida inteira a fim de conseguir pequena parcela da terra, essa idéia de possuí-la tem suas seduções. Como nossos sonhos juvenis não eram traçados em côres tão audaciosas quanto os de vocês, duas questões vêm-nos à mente, sazonada e disciplinada por muitos anos de desilusões: Quem é a juventude? Serão vocês aqui, presentes hoje, ou os que aqui estiveram no ano passado ou dez anos atrás, ou aquêles que ocuparão o seu lugar no ano vindouro, ou daqui a dez anos? E agora a segunda: Quando é a juventude? Dos 15 aos 18, ou de 19 a 20, 21 a 24, ou 25 a 30, ou ainda o trajeto inteiro dos 15 aos 30; e, se fôr a partir dos 15, por que não dos 14, e assim por diante, descendo até a primeira infância; e admitindo-se até os 30, por que não 31, avançando até incluir os nascidos nas duas últimas décadas do século XIX? Esta última idéia nos parece tão atraente que gostaríamos de dispor de tempo para considerá-la.

Naturalmente, se incluírem qualquer um acima dos 21 ou 22 anos, descobrirão que os mais velhos já reivindicaram direito a certa parcela da crosta terrestre e talvez não estejam dispostos a entregá-la. Além do mais, quando vocês tiverem atingido essa idade, também já terão adquirido suas parcelas e não se disporão a cedê-las a outro indivíduo três ou quatro anos mais môço, só porque êle sente o ímpeto aquisitivo. Então, vocês pensarão: Que vá trabalhar para ganhar a sua, assim como eu trabalhei, em lugar de tomar-

me o que consegui por esfôrço próprio.

Mas, mesmo se a juventude (seja ela o que fôr) lograsse realizar essa pequena "reorganização" em proveito próprio, de rebanhos e terras, casas e capitais pertencentes a terceiros, o que aconteceria com os empregos, colocações e cargos que requerem experiência e perícia de longa data? Um dramaturgo, por exemplo; o público talvez não se disponha a considerar todo aquêle que deseja escrever como um segundo Shakespeare. O público, na verdade, é esquisito neste aspecto e tem idéias próprias inconvenientes. O mesmo se aplica à pintura e escultura, à música e ao direito, e a tôda a lista de profissões e à administração de qualquer grande emprêsa comercial, industrial ou financeira. E os mesmos princípios vigoram nas escolas, na Igreja e demais atividades da vida. As pessoas querem que os cargos de responsabiildade sejam ocupados por indivíduos experientes, que gozem de crédito e confiança; mas experiência, crédito e confiança são plantas de crescimento extremamente moroso.

Alguém poderá objetar: "— Nós poderemos aprender." Certamente que a juventude pode aprender. E esta resposta resolve o problema. Mas, aprender leva tempo, e o tempo produz a idade, e a idade mata a juventude. Assim sendo, se a terra pertence à juventude, esta a rouba de si mesma ao ganhar idade.

Mas outros poderão dizer que vocês se referem às coisas essencialmente materiais. Certo, há coisas de que precisamos para comer, beber e vestir; são também muito importantes. Mas nós estamos pensando em coisas mais elevadas que formam — não sei se ouso dizê-lo, é uma bela frase — a "vida abundante". Alguns jovens afirmam que estão planejando novas leis econômicas, novos dogmas políticos, novas regras financeiras, novos princípios de conduta e relações internacionais. E deixarão que nós, os velhos, façamos tôdas essas outras coisas antiquadas e necessárias.

Estou certo de que o estudo e a reflexão mostrarão que a economia, a política, as finanças, as normas de conduta e relações internacionais pelo menos já estão melhores do que o foram no passado. Nem todos os males foram exterminados; mas, com o correr dos séculos, o pior sempre desaparece, sobrevivendo o melhor.

Mas os tempos também trazem outros problemas à juventude, que nós não tivemos. Naquela época, nossa liberdade, nossos direitos individuais não estavam ameaçados. Atualmente, o mundo os ameaça em todos os países e climas. Ilegalidade, desordem, ganância, avareza campeiam entre nós. Os governos livres, o regime da democracia, são desafiados. Se quisermos salvá-los, a juventude de ontem, de hoje e a de amanhã precisam pôr mãos à obra.

Não podemos estabelecer a falsidade em qualquer de suas miríades de formas, e cultuá-la; vidas falsas, viver falso; falsos padrões, falsos ideais; falsas doutrinas; falsos princípios; falsas companhias; falsos profetas; falsos Cristos; falsos deuses. Isto é o que precisamos evitar.

Não é lícito eu conseguir os proveitos e prazeres de minha vida à custa dos bens e sofrimento alheio. O de que o mundo necessita, acima de qualquer outra coisa, é saber distinguir entre **meum et tuum** — entre meu e teu. É razoável vocês quererem gozar seus próprios direitos e bens, mas sòmente se respeitarem os direitos e bens alheios. Sem isto, não poderá haver no mundo paz e segurança, e tampouco liberdade. Realmente, sem elas, a civilização desaparecerá. Rogo que ponderem tudo isto cuidadosamente e chegarão à conclusão de que é verdade. Depois, orientem suas ações de acôrdo com ela.

Durante um século inteiro, tem nossa crença religiosa declarado que "nenhum govêrno pode existir em paz, a não ser que tais leis sejam feitas e conservadas invioláveis, de modo a garantir a todo indivíduo o livre exercício de consciência, o direito e contrôle de propriedade e a proteção de vida." (D&C 134:2).

O movimento mundial contra estas coisas não é inspirado do alto.

E referente a isto, permitam-me exortá-los a considerar o seguinte: É uma coisa um indivíduo deixar de viver segundo um padrão, e outra bem diferente mudar seu padrão de vida, ainda que em ambos os casos, cometa o mesmo êrro. A sociedade conseguiu sobreviver a incêndios culposos, pilhagens, roubos e assassinatos, por mais freqüentes que fôssem, quando eram proscritos pela ordem social e a consciência popular; mas não poderemos continuar sendo um organismo social, se êsses crimes se tornarem o padrão pelo qual as massas são guiadas, não importa qual o motivo alegado ou pretensa necessidade dêle, nem tampouco quão circunscrita a ocasião para a prática dos crimes. Porque, no primeiro caso, o padrão é correto com apenas alguns indivíduos rebelando-se contra êle; o outro padrão é iníquo, homenageado por todos os homens. E é nesta última direção que o mundo atual está-se afundando. Precisamos contar com vocês, para que os direitos do homem e a liberdade de consciência possam ser resguardados, para que a obra do Senhor continue na terra, a fim de salvar as almas dos homens.

Reproduzimos aqui outra notável passagem do discurso do Presidente Clark dirigido à juventude:

"Jamais foi maquinada coisa mais vil, nem mais destruidora de todos os mais delicados sentimentos e sensibilidades da vida do que a idéia de que o impulso sexual é idêntico aos da fome e sêde, e deve ser igualmente satisfeito. Essa doutrina é filha do maligno e leva à destruição. Já não é fácil refrear o sexo, quando abafado com tôdas as restrições e contrôles que uma vontade madura e disciplinada pode desenvolver e quando essa vontade é auxiliada pelo conceito da santidade de que se reveste o sexo, por ter sido colocado no homem para preencher o plano divino de proporcionar corpos aos espíritos que o aguardam. Mas quando o sexo é convidado a agigantar-se em corpos de jovens imaturos, indisciplinados, ingênuos e insensatos, torna-se uma caldeira fervente que consome todos os instintos mais refinados e transforma suas vítimas em ruínas físicas e morais.

Vocês, jovens, que estão para assumir o divino relacionamento da paternidade, não arrastem, eu lhes suplico, a si próprios e a seus filhos ao baixo nível animal; antes, elevem-se aos céus entre os anjos."

# A Igreja tem o Monopólio da Verdade?

**John A. Widtsoe**

**Tal pergunta demonstra um completo** malentendido quanto às reivindicações da Igreja restaurada de Cristo.

O monopólio da verdade significaria a posse de tôda a verdade acessível, excluindo os não-membros da Igreja de participarem da posse ou dos benefícios da verdade.

Nada poderia estar mais distante dos ensinamentos da Igreja. Desde os tempos de Joseph Smith, tem-se pregado que a luz da verdade ilumina todo homem nascido na terra. Todos os que a buscam podem encontrá-la, dentro ou fora da Igreja. Aquêles que a procuram sinceramente em bibliotecas, laboratórios ou na própria natureza, serão recompensados pela inexaurível fonte da verdade. O seu autor é generoso. A Igreja incita que a busca da verdade prossiga em tôdas as plagas, por todos os homens, em tôdas as horas; pois, à medida que a verdade se difunde entre os homens, cresce a felicidade humana.

Contudo, existem muitos tipos de verdade. Algumas se prendem às leis físicas que governam as condições da terra e dos céus, pelas quais se movem e operam as coisas. São um conhecimento valioso que proporcionou à humanidade muitas de suas bênçãos materiais e intelectuais. A descoberta dessas verdades fêz surgir nossa atual civilização, dando luz e confôrto ao mais humilde lar.

Existem verdades de um tipo superior, tais como as referentes à conduta humana, isto é, a maneira de o homem usar os dons de conhecimento que lhe foram dados; verdades que concernem ao Deus dos céus e o relacionamento do homem com seu divino Pai; verdades que explicam o mistério do passado, revelam o propósito do presente e desvendam seu futuro; verdades que, bastando que as use, permitem ao homem aproximar-se da semelhança de Deus, eternamente.

Êste último tipo de verdade forma o plano de salvação estabelecido no Evangelho do Senhor Jesus Cristo. O Evangelho é um produto do desejo e vontade do Senhor. Ensina que um propósito divino permeia todo o universo, abrangendo cada fato, lei e princípio, e animando tôdas as obras da natureza. Dessa forma, o Evangelho em sua plenitude torna-se a estrutura ou edifício da verdade, que pode encerrar tudo. Sendo a sua sede, o Evangelho reclama tôda a verdade e a coloca em seu devido lugar e posição, com respeito ao bem-estar presente e futuro do homem.

As verdades do Evangelho, como tôdas as demais, estão à disposição de tôda a humanidade. De fato, talvez todos possuam parte dêsse conhecimento básico para seu grande confôrto. Na maioria das igrejas que cultuam Deus, certamente existe algo dessa verdade superior. Esta é a doutrina dos santos dos últimos dias.

Entretanto, o Evangelho é operado na terra sob a autoridade do Senhor. Foi êle que aqui colocou o homem e lhe deu o Evangelho. Tem guardado os filhos dos homens através dos séculos, desde o princípio, restabelecendo sua Igreja de tempos em tempos, conforme a apostasia do homem assim tornou necessário. O cuidado do Evangelho foi confiado à Igreja com sua autoridade, chamada de Sacerdócio. Sòmente a que possuir esta autoridade é a verdadeira Igreja de Cristo, e pode haver apenas uma.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias possui a verdade referente ao verdadeiro Evangelho do Senhor Jesus Cristo, o único plano de salvação divino, e a autoridade de oficiar em nome de Deus na edificação da Igreja de Cristo.

Não há senão um Evangelho; não pode haver mais de um Sacerdócio; existe uma única Igreja que abrange a inteira verdade do Evangelho. E é sòmente neste sentido que a Igreja afirma estar de posse da plena verdade fundamental (chamem-na de monopólio, se quiserem) imprescindível para a suprema salvação no reino celestial de Deus. Isto a Igreja o faz com humildade e gratidão, profundamente cônscia de seu sublime comissionamento e imensa responsabilidade de guiar todo o gênero humano à plenitude do conhecimento que conduz ao progresso eterno na presença do Senhor.



# Reunião Familiar

**Solicitaram-me, meus irmãos e irmãs,** que falasse umas poucas palavras sôbre a reunião familiar, um tópico já abordado neste tabernáculo repetidamente nos anos passados. É de estranhar que possamos ser tão esquecidos, tão descuidados e indiferentes, e que seja necessário sermos lembrados continuamente do que é para nosso bem. Isto talvez aconteça, não porque não acreditemos; nem porque não simpatizamos com o que somos aconselhados, instruídos e incentivados a fazer, mas devido às condições que nos rodeiam.

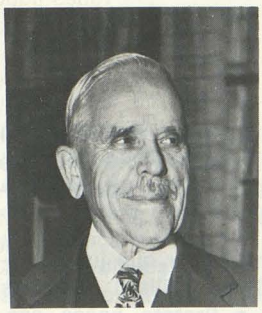
Na melhor das hipóteses, a vida, para o homem e a mulher comum, é árdua; é realmente uma luta; os deveres e obrigações são inúmeros; temos muitos afazeres; e por causa disso tudo, às vêzes não conseguimos fazer o de que talvez gostaríamos, por estarmos cansados ou porque aparecem outras coisas que interferem.

Não sei quantos de vocês, santos dos últimos dias lembram-se, como eu recordo vìvidamente, quando êste assunto nos foi apresentado anos atrás. Foi-nos prometido, então, que, se observássemos fiel e diligentemente as reuniões familiares, nenhum membro de nossa família jamais se perderia; que nos lares do povo desta estaca de Sião reinaria paz e amor, pureza e alegria, tornando o ideal a nossa vida familiar; que pais e mães teriam tanta influência benéfica sôbre seus filhos, que sentiriam a indescritível felicidade de vê-los fiéis e verdadeiros, crescendo puros e permanecendo puros, com seus pés protegidos contra as ciladas e armadilhas do maligno.

Não obstante essas promessas, e, a despeito do fato de que temos incentivado a observância da reunião familiar nas alas desta estaca, não há dúvidas de que, atualmente, são poucas as pessoas que o fazem. E no entanto, sei, meus irmãos e irmãs, que aquêles que o fizeram podem testificar que seus lares foram abençoados. Mas, por mais estranho que pareça — mesmo os encarregados dos negócios da ala, às vêzes o esquecem. E assim, vemos reuniões públicas dos mais diversos tipos, marcadas no dia de reunião familiar, quando fomos aconselhados que tôdas as famílias SUD deveriam ficar em casa nessa noite e as reuniões realizadas em outros dias.

Não faz nenhuma diferença quanto ao que pensamos ou fazemos, não poderemos fugir à nossa responsabilidade de pais. (Veja D&C 25-28). Ela não pode ser colocada sôbre ombros alheios. E, se formos sinceros e verdadeiros, se crermos no Evangelho de Jesus Cristo, deveremos saber que não existe responsabilidade maior do que a obrigação assumida para com nossa família. O pai precisa ser verdadeiro, fiel e leal, devotado e sincero, e totalmente dedicado à família — à espôsa e aos filhos, fiel àqueles dependentes presos às fibras de seu coração. Tôda a sua vida lhes deve ser sinceramente devotada. Não deve ser duro, nem impaciente e despótico, mas manifestar o espírito de paciência, bondade e amor. Precisa tratar sua espôsa como companheira, amiga e adjutora; deve tratar os filhos como os mais achegados e caros sêres na vida. E a mãe também deve lembrar-se das obrigações que tem para com seu espôso e filhos; e êstes, nunca esquecer as obrigações para com os pais.

E assim, meus irmãos e irmãs, se quisermos realmente uma vida familiar perfeita, como manda o Evangelho, parece-me que conseguiremos reservar uma noite na semana, para que a família se reúna no lar e torne esta hora a mais agradável e provei-



Joseph F. Merril, membro do Conselho dos Doze (1931-1952)



## Joseph F. Merrill

tosa da semana inteira. E, se os pais no espírito de paternidade, e as mães no de maternidade, e as crianças no espírito de obediência, aceitarem êsse conselho quanto à reunião familiar regularmente, o lar exercerá tal influência e haverá tanta alegria inexistentes de outro modo.

Certas famílias naturalmente são numerosas, com filhos que variam da infância à idade adulta, tendo as mais diversas responsabilidades; nestes casos, não é fácil encontrar uma hora em que todos possam estar reunidos. Mas existe o velho ditado que querer é poder. Será possível que durante a semana inteira não exista uma única hora em que, juntos, poderíamos cultivar o amor entre nossos familiares, ensiná-los, compreendê-los e aprofundar nossa afinidade com êles? O pai que não fôr um com seus filhos, não desfruta os laços familiares como poderia e não exerce a influência que deveria. É perfeitamente possível serem os pais íntimos dos filhos. É possível serem seus confidentes, sendo procurados pelos filhos quando de suas alegrias, tristezas e problemas.

Bem, meus irmãos e irmãs, talvez vocês não considerem essa questão muito importante. Mas acreditamos que realmente é de suma importância. Precisamos estar alerta, tão alerta como nunca, a fim de podermos esmagar o mal e as tendências para êle, e deveríamos esforçar-nos neste sentido, de tôdas as maneiras viáveis. O maligno opera de várias maneiras. À medida que seu tempo se escoa mais e mais, êle também intensifica mais e mais seus esforços; sendo assim, a não ser que sejamos ativos e sempre vigilantes, poderemos ser apanhados em armadilhas que desconhecemos e nem suspeitávamos. Por isso, sentimos que é necessário que oremos, trabalhemos e aceitemos o conselho que nos é dado.

Irmãos e irmãs, gostaríamos de que, em todo lar desta estaca de Sião, a noite de segunda-feira fôsse reservada à reunião familiar. Não haveria objeção quanto aos ramos da família — filhas e filhos casados — reunirem-se com o restante da família. Por que não adotar esta prática entre nós, até tornar-se um hábito? Alguns não sentiram até agora necessidade particular nesse ponto. Outros acham que, crescidos os filhos, resta sòmente o casal. Mas independente de a família ser grande ou pequena, composta de pessoas idosas ou jovens, ou ambas, é possível fazer um programa de cantos, histórias, brincadeiras, leitura, experiências, instruções, orações etc. que agrade a todos e seja por êles aproveitado.

Mesmo que não haja crianças, não importa a razão, a reunião familiar ainda assim pode ser proveitosa. Haverá algum marido tão indiferente e esquecido que já não sabe mais como cortejar a espôsa? Houve época em que uma noite a sós com ela era considerada o ponto alto da semana. O marido que deixou de cortejar sua mulher é realmente digno de lástima, pois permitiu que a doçura da vida abandonasse seu lar. Na verdade, êste deixou de ser um lar, transformou-se em lugar de habitação. Onde não houver amor não poderá existir um lar.

Portanto, no meu entender, não existe motivo que nos impeça de passar essas horas agradáveis, proveitosas e alegres com nossa família. E se o fizermos, nosso lar será provido de amor, unidade, espírito de paz e satisfação, que, de outra forma, não podem existir, e não serão ali encontrados tão abundantemente.

## A ORGANIZAÇÃO DA:

# Sociedade de Socorro

**Presidente Belle S. Spafford**

O documentário **"History of the Church"**, sob a data de 6 de janeiro de 1842, registra o regozijo do Profeta Joseph Smith a respeito daquele período na história da Igreja: "O nôvo ano anunciou-se e até o momento, continuou sob os melhores auspícios; os santos parecem ter sido influenciados por uma bondosa e indulgente Providência, em disposição e recursos para erigir o Templo de Deus Altíssimo, aguardando ansiosamente o seu término como o evento de máxima importância para a Igreja e para o mundo, fazendo que os santos de Sião se regozijem... Na verdade, êste é um dia que nunca será esquecido pelos santos dos últimos dias... um dia em que tôdas as coisas estão concorrendo para a realização total da plenitude do Evangelho, uma plenitude da dispensação das dispensações, mesmo a plenitude dos tempos." (DHC 4:492).

De fato, aquêle provou ser um memorável período na história da Igreja — período de regozijo para os santos. Foram acontecimentos que tornaram aquêles dias lembrados para sempre.

Entre os eventos de grande significado para as irmãs da Igreja conta-se a criação da Sociedade de Socorro Feminina, em 17 de março de 1842. Aparentemente, foi um tempo propício para o Senhor dar a suas filhas, por intermédio de seu Profeta, a organização pela qual poderiam aperfeiçoar-se melhor e servir mais efetivamente à Igreja e seu povo.

As irmãs evidenciaram estar preparadas para essa bênção. Tinham estudado as Escrituras, ouvido o que dizia o Profeta, mostrando-se obedientes a seus ensinamentos. Haviam ajudado nos trabalhos da Igreja, principalmente cumprindo a parte das mulheres em proveito da edificação do Templo de Nauvoo. Estavam tão ansiosas em cumprir mais plenamente o que lhes cabia, que solicitaram ao Profeta seu assentimento a uma organização própria, para a qual a Irmã Eliza R. Snow esboçara a constituição e estatutos.

A Irmã Sarah M. Kimball, relatando as circunstâncias que as levaram à organização da Sociedade de Socorro, declarou que as irmãs desejavam formar uma "sociedade de senhoras", a fim de unirem esforços e meios para assistir os que trabalhavam na construção do Templo de Nauvoo. O Profeta replicou:

> ... isto não é o que vocês querem. Diga às irmãs que sua oferta é aceita pelo Senhor e que êle tem algo melhor para elas do que uma constituição escrita. Convide tôdas a reunirem-se comigo e mais alguns irmãos na próxima quinta-feira, à tarde, na sede maçônica situada em cima da minha loja, e organizarei as irmãs sob o patrocínio do Sacerdócio e segundo os seus padrões. **(Centenary of Relief Society,** p. 14).

Podemos ter certeza de que foi com impaciência e regozijo que as irmãs — dezoito ao todo — compareceram na hora e local designados, quinta-feira, 17 de março de 1842. Com corações cheios de gratidão, ouviram seu querido e venerado Profeta dizer as seguintes palavras, longamente lembradas pelas irmãs da Igreja: "Declaro agora organizada esta sociedade, com presidente e conselheiros, segundo os moldes parlamentares." **(Relief Society Magazine,** março de 1942, p. 151).

O Élder John Taylor que juntamente com o Élder Willard Richards acompanhava o Profeta nessa ocasião momentosa, dirigiu-se às irmãs dizendo que "se regozijava em ver a instituição organizada de acôrdo com as leis celestes." **(Relief Society Magazine,** março de 1942, p. 151).

Não é a lei celeste uma lei divina? Assim sendo, não teremos razão de dizer que a Sociedade de Socorro foi organizada segundo a lei divina?

A Primeira Presidência, por ocasião do centenário da Sociedade de Socorro, fêz-nos lembrar:

> Rogamos às irmãs da Sociedade de Socorro nunca esquecerem que se constituem numa organização única em todo o mundo, pois foram estabelecidas sob a inspiração do Senhor, concedida ao grande Profeta que foi divinamente chamado por uma visitação pessoal do Pai e do Filho, a fim de dar início a esta última dispensação, a dispensação da plenitude dos tempos. Nenhuma outra organização feminina na terra inteira teve início igual.
>
> **(Centenary of Relief Society,** p. 7)

A Irmã Sarah M. Kimball, nos registros da Sociedade de Socorro, diz que o Profeta afirmou que a Igreja não estava completamente organizada até o momento em que as mulheres também o foram.

A Sociedade de Socorro, conforme fundada pelo Profeta, agora está a caminho de seu segundo centenário de existência e bons serviços. Du-

rante seus 121 anos de vida, ocorreram tremendas mudanças no mundo e entre os povos. Poucas modificações, porém, foram maiores do que a mudança do "status" da mulher e de sua disposição de falar e agir através de grupos organizados. Quando a Sociedade de Socorro foi fundada, apenas umas poucas mulheres corajosas atreviam-se a falar em público, e menor número ainda ousaria formar uma organização.

Em face a tôdas essas mudanças, é realmente maravilhoso que a estrutura organizacional básica, os regulamentos e propósitos da Sociedade de Socorro formulados pelo Profeta Joseph Smith, tenham permanecido uma constante, e a sociedade, cujos padrões foram estabelecidos há 121 anos, continue funcionando eficientemente através da sucessão dos tempos. Só isto basta para atestar que a Sociedade de Socorro foi fundada segundo as leis celestes e não humanas.

A Sociedade de Socorro sempre mereceu os cuidados especiais do Profeta durante os tempos de Nauvoo, dêle recebendo contínuos conselhos e instruções, e assim tem sido com todos os profetas escolhidos que o sucederam. Em suas instruções às irmãs, o Profeta deixou claro que haviam sido organizadas sob o Sacerdócio e segundo o padrão dêle. Disse-lhes: "Vocês receberão instruções através da ordem do Sacerdócio que Deus estabeleceu, pela instrumentalidade daqueles designados a liderar, guiar e dirigir os negócios da Igreja nesta dispensação." E ensinou às irmãs: "Se houver necessidade de quaisquer oficiais para cumprir os desígnios da instituição, que sejam indicadas e designadas". (Notem que não falou em eleição pelos membros).

Tornou a filiação à Sociedade de Socorro um privilégio; não obstante, abriu suas portas a tôdas as mulheres "livres de censura", que deveriam ser recebidas por votação, segundo sua diretriz.

No tocante à constituição e estatutos a êle submetidos no início, disse o Profeta: "Proponho que esta presidência sirva como uma constituinte — Tudo o que decidirem será considerado lei e obedecido como tal... As atas de suas reuniões formarão o precedente segundo o qual deverão agir — serão a constituição e a lei." (**Centenary Relief Society**, p. 15). Assim a Sociedade de Socorro foi regulamentada no início e assim é hoje.

O Profeta abriu o caminho para as mulheres desta dispensação. Suas comoventes palavras são guardadas como um tesouro: "Eu agora ..... ..... em seu favor... e conhecimento e inteligência fluirão do alto de agora em diante... É o início de melhores dias para os pobres e necessitados que irão regozijar-se e invocar bênçãos sôbre sua cabeça." (Veja DHC 4:607).

Assim como foi fundada e regulamentada por inspiração divina segundo as leis dos céus, assim também a Sociedade de Socorro tem uma missão divinamente designada. Em resumo, eu diria que sua missão é:

1. Salvar almas.

2. Fortalecer os testemunhos da divindade do Evangelho restaurado.

3. Socorrer os desafortunados.

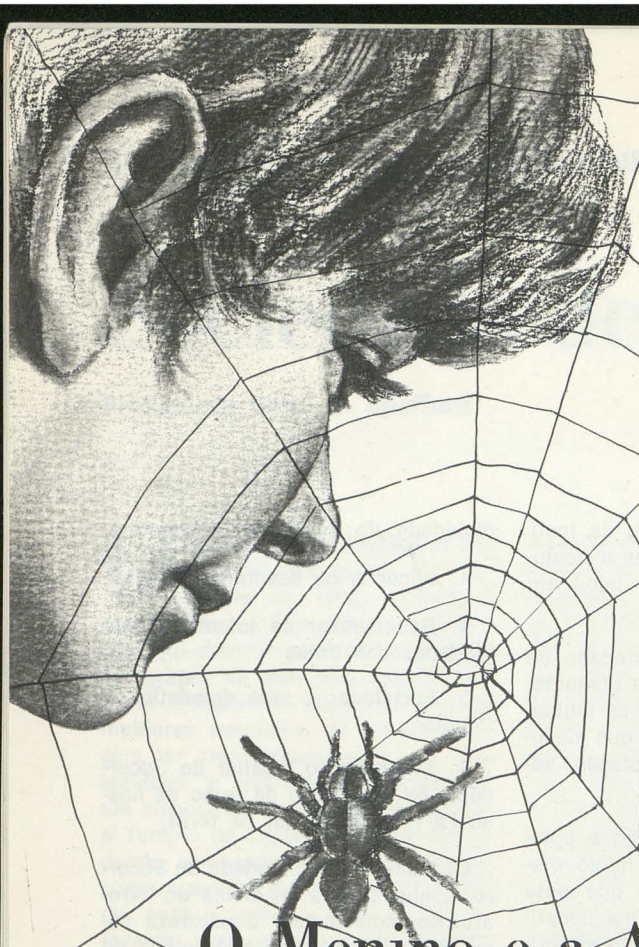
4. Desenvolver os talentos e habilidades das irmãs.

5. Fortalecer a vida doméstica e familiar.

6. Servir como auxiliar do Sacerdócio na edificação do reino de nosso Pai Celestial aqui na terra.

Certamente, a Sociedade de Socorro, conhecendo a lei divina do livre-arbítrio, conhecendo a natureza sagrada do ser humano e do plano de vida e salvação de Deus para seus filhos, conforme foi revelado nestes últimos dias através de seu Profeta, tem a grave responsabilidade de compartilhar êsse conhecimento com as mulheres de todo o mundo, e de irradiar sua influência na promoção da liberdade e da maneira de viver ensinada pelo Mestre. Não há, no mundo inteiro, outra organização feminina com responsabilidade tão pesada. Não existe outro grupo para o qual as mulheres organizadas do mundo devam olhar com maior crédito em busca de liderança vigorosa, sábia e justa. Temos que trabalhar através de canais competentes, não resta dúvida, e conforme autorizadas pelas autoridades do Sacerdócio, mas precisamos trabalhar e dar às mulheres do mundo as verdades que temos recebido por revelação divina.

Aceitando sua missão divina, indene ao tempo e mudanças, a Sociedade de Socorro tem que ser um baluarte contra as fôrças do mal que procuram engolfar as mulheres. Precisa ser um farol e estrêla-guia para as mulheres de muitas nações.



# O Menino e a Aranha

**Nora Ann Richardson**

**Marta limpou a vidraça embaciada,** para observar Darci atravessando o quintal com passos arrastados, a balançar sua lancheira. Com certeza, pensou preocupada, **esta** manhã chegará na hora, pois qualquer um pode fazer a caminhada até a escola em vinte minutos, andando razoàvelmente ligeiro, quanto mais no espaço de uma hora, como acontecia hoje.

Voltou a bater manteiga na velha batedeira de barro vidrado, com o cenho franzido. É verdade que Darci mal chegara aos sete anos e no entanto — bem, nunca seria cedo demais para pensar-se em moldar seu caráter. Êle até que era um garôto bonzinho, a não ser pelo ar de indiferença que aparentava. Tôda vez que começava uma tarefa, num abrir e fechar de olhos estava fazendo outra coisa, completamente esquecido da primeira.

Marta Reed, a jovem mãe, levava muito a sério suas responsabilidades, ainda mais após aquêle telegrama há quatro anos, dando-lhe conhecimento de que deveria vencer o caminho sòzinha dali por diante. U'a mulherzinha excelente e trabalhadora, comentavam aprovadoramente os vizinhos. Nada de tolices havia em Marta, e ela orgulhava-se dessa reputação. E qual seria futuramente a reputação de Darci? ficava a imaginar.

— Sempre atrasado, sempre atrasado, — parecia responder o ritmo cadenciado da batedeira.

Num súbito impulso, ela agarrou o grande chapéu de palha e saiu correndo pelo quintal, espantando as gordas galinhas vermelhas com sua pressa. Nenhum dia da semana sem ter chegado atrasado! Ora essa, não era mesmo uma desgraça?! Pois ela trataria de que o filho chegasse pontualmente na escola!

Bastaria pegá-lo pelo braço e levá-lo até lá e — O pensamento ficou incompleto, enquanto continuava andando naquela suave manhã de início de outuono. O atalho para a estrada cortava o bosque, e ela seguia cuidadosamente pelo estreito caminho forrado de agulhas de pinheiro, um pouco surprêsa com a rica fragrância da mata, da qual se esquecera nos últimos meses atarefados.

Ela o encontrou à beira do riacho, lancheira jogada de lado, observando alguma coisa na água, com total e absorvido interêsse. Quando estava para agarrá-lo, sentiu-se tomada de exasperação.

Um passo em falso traiu sua chegada, fazendo o garôto voltar-lhe seu rostinho rechonchudo e nariz arrebitado, aquela mecha de cabelo castanho caída nos olhos como sempre. Êle era, de fato, o próprio pai em miniatura.

— Ps-s-si! — Acautelou Darci — Veja!

Houve um leve farfalhar na vegetação rasteira no lado oposto do riacho, e apareceu nadando um rato almiscarado a observá-los curiosamente.

— Ei, você, — gritou o menino. — Que tal a pesca esta manhã?

O animalzinho deu meia-volta e nadou preguiçoamente para seu esconderijo na ribanceira de lá.

— Eu o vejo todos os dias, — explicou, como se isto resolvesse o assunto. — Às vêzes, jogo umas pedrinhas e êle nada até lá, é como uma espécie de jôgo... — Um olhar meio desaprovador lançado à mãe.

— Mas êle tem mêdo da senhora. Êle não gosta de gente grande.

— Quer dizer que não gosta, não é? Bem, acho melhor pegarmos a lancheira, Darci Reed, e tocarmos para a escola!

— É mesmo — a escola! Bem, até logo, mamãe.

— Hoje vou acompanhá-lo um pedacinho, môço. — O sermão planejado já não mais se iria materializar.

— Ahah, mãe... — Êle acompanhou-a, arrastando os pés pelo atalho rescendente a pinho. Realmente, **estava** agradável no bosque. Marta viu-se forçada a admiti-lo, certamente sem notar que andava mais devagar. Fazia tempo que não caminhava pelo simples prazer de fazê-lo. Sempre havia tanto trabalho à sua espera — a criação de galinhas, as três vacas, além de desnatar, refrigerar, limpar e bater manteiga.

Repentinamente, notou que o filho não estava mais a seu lado.

— Darci! Darci Reed!

Voltando-se, viu-o uns doze passos atrás, acocorado sôbre os calcanhares, a cabeça profundamente inclinada. Foi até lá:

— Agora me diga...

Marta fitou o chão à sua frente. Umas poucas formiguinhas pretas e reluzentes caminhavam por estradas imperceptíveis, sempre apressadas, só parando para um breve cumprimento quando se cruzavam, e então, seguiam caminho.

Darci jogou um galinho na senda das formigas, para ver os bichinhos dispararem em pânico para todos os lados.

— É um terremoto, — anunciou.

— Corram, corram, formiguinhas, é um terremoto. Igual como na China, — dirigiu-se sùbitamente a Marta.

Como na China? A mãe ficou a meditar, enquanto o garôto abria a lancheira, esmigalhava parte do sanduíche para as formigas e, totalmente absorto, começou a mastigar o resto.

As formigas: pequenos sêres estranhos, carregando enormes migalhas, correndo de lá para cá, aparentemente sem sentido algum... completamente alheias àqueles outros sêres de olhos redondos, tão fantàsticamente imensos... e a mata com seu pesado, sonolento silêncio.

Foi Darci quem se ergueu primeiro.

— Tenho outra coisa para mostrar-lhe, mãe. — Seguiu à frente dela para a quase-clareira, onde no ano passado desabara um pinheiro e agora começava a lentamente dissolver-se em podridão. — Chegue aqui, mamãe, nestes arbustos.

Ela reteve a respiração ao perceber aquela teia de aranha brilhando à luz do sol, em tôda a sua perfeita e frágil estrutura.

— Agora repare, mamãe, — lançou uma folhinha sêca, de modo que ficou a tremular, prêsa na trama prateada.

Marta abriu a bôca, depois a cerrou. Uma aranha de tons acastanhados desceu por um dos fios, feito acrobata. Passou pela fôlha sem dar-lhe atenção, depois retornou e sacudiu aquêle estôrvo verde até fazê-lo cair ao chão.

— Ela gosta é de môscas. — A mãozinha do menino movimentou-se qual raio junto ao tronco apodrecido, depois aproximou-se da teia e libertou o inseto apanhado. Agora, a trama prateada estremeceu; a aranha apareceu apressada, mas desta vez permaneceu.

— As aranhas comem môscas, e os sapos engolem aranhas, e as cobras comem os sapos, — explicou sèriamente, como que lendo seus pensamentos. — Isto é história natural, mamãe.

— É, sim — respondeu do tronco em que estava sentada — Suponho que sim.

Tudo faz parte da batalha silenciosa e despercebida que ocorre na natureza, dia e noite, por tôdas as eras passadas e as que estão para vir — entretanto, embora percebendo a luta sem trégua, ela sentia-se incompreensìvelmente em paz. O outro Darci, o mais velho, veio-lhe à mente, recordando-lhe um dia de estilo passado numa encosta de montanha coberta de matas. Lembrava ainda a mecha rebelde de cabelo castanho a cobrir-lhe um dos olhos e sua voz grave e pensativa ao traçar pequeno retângulo no caminho. **Se conhecêssemos êste simples pedacinho de chão,** dizia, **conheceríamos quase o universo inteiro.**

Ouviu-se o tanger distante de um sino, fazendo-a pensar, absorta, no que poderia ser. Darci soltou um gritinho de susto:

— Puxa, mãe, o sino da escola!

— Corra, — gritou ela, mostrando-lhe a lancheira. — Oh! querido, ande ligeiro! Você vai chegar outra vez atrasado!

Ficou a observar os pequenos tufos de poeira provocados pelos pés a disparar, quando o menino alcançou a estrada e sumiu de vista na curva.

Voltou lentamente e sentou-se sôbre o tronco caído. A aranha se fôra; a môsca também já não estava ali; a teia continuava como estivera antes — prateada e perolada de orvalho.

**Se conhecêssemos êste simples pedacinho de chão**... Santo Deus, implorou em pensamento, permita que se torne igual ao pai.

Sorriu para si mesma, enquanto a suave fragrância se acentuava com o crescer do dia. "Você é apenas história natural", observou à aranha invisível. Assim era ela própria, sòmente um fragmento apanhada no tumulto da vida.

Mas existe uma diferença, pensava, retomando o caminho para casa, para a batedeira, as galinhas e as vacas. Há tantas vitórias insignificantes, despercebidas, que, somadas, podem transformar a vida em canto de triunfo. E hoje, quem sabe, vivi uma pequena vitória só minha.

# Missão Brasil Central

| ALAS/ESTACAS RAMOS/DISTRITOS | ENDEREÇO | BISPOS/ PRESIDENTES | Assinantes d'A Liahona | MISSIONÁRIOS Integral | CONVERSÕES Janeiro | CONVERSÕES Total |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Ala III — S. Amaro | R. São Benedito, 504 | Juan C. Vidal | 38 | 4 | — | — |
| Ala IV — Pinheiros | R. Brig. Faria Lima, 1980 | Benjamin O. Almeida | 28 | 4 | — | — |
| Ala V — Pinheiros | R. Brig. Faria Lima, 1980 | Humberto Silveira | 67 | 6 | 11 | 11 |
| Ala VI — Perdizes | R. Caiubi, 345 | Júlio Klappoth | 20 | 4 | 6 | 6 |
| Ala VII — Casa Verde | R. Antenor Guerlândia, 34 | Giorgios H. Orfanos | 6 | 2 | 5 | 5 |
| Ala VIII — Santana | R. Padre Donizetti T. Lima, 28 | Mitsuru Kikuchi | 26 | 6 | 2 | 2 |
| Sorocaba I | R. Gen. Osório, 515 | Nelson de Genaro | 35 | 4 | 11 | 11 |
| Sorocaba II | R. Gen. Osório, 515 | Raimundo José Libânio | 15 | 4 | 2 | 2 |
| Jaçanã | R. Francisco Rodrigues, 67 | Benedito Pires Dias | 11 | 2 | 4 | 4 |
| Lapa | R. Guararapes, 470 | Oswaldo S. Camargo | 12 | 2 | 2 | 2 |
| Osasco | R. Caldus Taio, 265 | João M. de Souza | 34 | 2 | 8 | 8 |
| Pedreira | R. Prof. Guilherme B. Sabino, 151 | Alberto Barbagallo | 22 | 2 | 4 | 4 |
| Tucuruvi | R. Padre Donizetti T. Lima, 28 | Edmur D. Lima | 8 | — | — | — |
| **ESTACA SÃO PAULO** | **R. Brig. Faria Lima, 1980** | **WALTER SPÄT** | **322** | **42** | **55** | **55** |
| Ala I — Vila Mariana | R. Maurício Klabin, 92 | Rodamés Sceppa | 36 | 6 | 3 | 3 |
| Ala II — Saúde | R. Ibituruna, 82 | Antonio Andreolli | 55 | 4 | 1 | 1 |
| Ala IX — V. Maria | Av. Guilherme Cotching, 129 | Frederico M. Puertas | 7 | 2 | 3 | 3 |
| Ala X — Penha | R. Rodovalho Júnior, 666 | José M. Rodrigues Filho | 6 | 6 | 14 | 14 |
| Ala XI — Moóca | R. da Moóca, 4835 | Wagner dos Santos | 46 | 6 | 8 | 8 |
| Cambucí | R. Lavapés, 1051 | José G. Galhardo | 21 | 2 | — | — |
| Guarulhos | R. Santa Izabel, 23 | Luiz Cunha | 2 | — | — | — |
| Ipiranga | R. Maurício Klabin, 92 | Demar Stanicia | 15 | 4 | 1 | 1 |
| Jabaquara | R. Ibituruna, 82 | Ilo M. de Souza | 16 | 4 | 1 | 1 |
| Vila Prudente | R. Ibitirama, 700 | Elio M. Moraes | 16 | 4 | 4 | 4 |
| **ESTACA S. PAULO LESTE** | **R. Ibituruna, 82** | **HÉLIO DA R. CAMARGO** | **220** | **38** | **35** | **35** |
| Ala de Santo André | R. Catequese, 432 | João H. Fin | 36 | 6 | 4 | 4 |
| Ala de Santos | Av. Valdemar Leão, 305 | José G. Lopes | 34 | 8 | 14 | 14 |
| Ala de São Vicente | R. Dom Lara, 504 | Adriano Silva | 44 | 4 | 3 | 3 |
| Gonzaga | R. Paraíba, 94 | Daniel da Glória | 51 | 2 | 4 | 4 |
| Guarujá | | Eurico P. Schimidt | 1 | — | — | — |
| Mauá | R. Alvares Machado, 19 | Ademar Leal | 1 | 2 | 1 | 1 |
| Ponta da Praia | Av. Valdemar Leão, 305 | Nivio V. Alcover | 26 | — | — | — |
| Praia Grande | | Ivo dos Santos | | | | |
| Santo André II | R. Catequese, 432 | João Barea | 1 | 2 | — | — |
| São Bernardo | R. Cândido Portinari, 68 | Camilo Antunes | 11 | 2 | 3 | 3 |
| São Caetano | R. Maranhão, 944 | Adair A. Garcia | 15 | 2 | 3 | 3 |
| **ESTACA SÃO PAULO SUL** | **R. Catequese, 432** | **SAUL M. DE OLIVEIRA** | **220** | **28** | **32** | **32** |
| Araçatuba | R. Luiz Pereira Barreto, 245 | Jair de Oliveira | — | 4 | — | — |
| Presidente Prudente | R. Pedro de Oliveira Costa, 234 | Scott Wall | 10 | 4 | 3 | 3 |
| São José do Rio Prêto | R. Mal. Deodoro, 2846 | Oscar de Oliveira | 9 | 4 | 3 | 3 |
| **DISTRITO DE ARAÇATUBA** | **R. Luiz Pereira Barreto, 245** | **HORÁCIO SAITO** | **19** | **12** | **6** | **6** |
| Araraquara | R. Voluntários da Pátria, 1209 | Geraldo de Mendonça | 15 | 4 | — | — |
| Baurú | R. Gustavo Maciel, 1641 | Jam Tao | 2 | 2 | 4 | 4 |
| Marília | R. Lima e Costa, 318 | Marcos Rubio | 5 | 2 | — | — |
| Ribeirão Prêto | R. São Sebastião, 1003 | Orivaldo dos Santos | 31 | 6 | — | — |
| **DISTR. DE ARARAQUARA** | **R. Voluntários da Pátria, 1209** | **JALAL SAMAHA** | **53** | **14** | **4** | **4** |
| Campinas I | R. Duque de Caxias, 645 | Elésio Ribeiro | 2 | 2 | — | — |
| Campinas II | R. Frei Manoel Ressurreição, 696 | Henrique Moura | 10 | 2 | 5 | 5 |
| Campinas III | R. Duque de Caxias, 645 | Geraldo C. Pereira | 8 | 2 | — | — |
| Campinas IV | R. Duque de Caxias, 645 | Evaldo Martins | 3 | 2 | 4 | 4 |
| Jundiaí | R. Bartolomeu Lourenço, 202 | Francisco Ribeiro | 15 | 2 | 2 | 2 |
| Piracicaba | R. Morais Barros, 369 | Nelson Gonçalves | 15 | 2 | — | — |
| Rio Claro | R. Seis, 1438 | Van Dyke Gaerner | 7 | 2 | — | — |
| São José dos Campos | Av. Mal. Floriano Peixoto, 208 | Expedito J. Saraiva | 11 | 2 | 3 | 3 |
| **DISTRITO DE CAMPINAS** | **R. Frei Manoel Ressurreição, 696** | **EDUARDO C. NALLI** | **71** | **16** | **14** | **14** |
| Curitiba I | Av. Iguassu, 1460 | Jorgi Aoto | 16 | 4 | 11 | 11 |
| Curitiba II | R. Gottlieb Muller, 96 | Hipólito T. Rebicki | 12 | 2 | 4 | 4 |
| Curitiba III | R. Mateus Leme, | Francisco Gomes | 19 | 4 | 5 | 5 |
| Curitiba IV | Av. Iguassu, 1460 | | 13 | 4 | 2 | 2 |
| Curitiba V | R. Gottlieb Muller, 96 | Vitor Bento | 7 | 4 | — | — |
| Curitiba VI | R. Bonifácio Vilella, 460 | Rosaldo Gaertner | 15 | 2 | — | — |
| Curitiba VII | R. Bonifácio Vilella, 460 | Bruno Smatz | 5 | 2 | — | — |
| **DISTRITO DE CURITIBA** | **R. Gottlieb Muller, 96** | **LEVÍ GAERTNER** | **87** | **22** | **22** | **22** |
| Apucarana | R. Clotário Portugal, 1126 | José G. Testa | 8 | 2 | — | — |
| Londrina | R. Belo Horizonte, 1236 | Claudio P. Gameiro | 13 | 2 | — | — |
| Maringá | R. 15 de Novembro, 1040 | Altamiro Barcello | 2 | 2 | 4 | 4 |
| **DISTRITO DE LONDRINA** | **R. Belo Horizonte, 1236** | **GUNTHER SALIK** | **23** | **6** | **4** | **4** |
| **MISSÃO BRASIL CENTRAL** | **R. Henrique Monteiro, 215** | **SHERMAN H. HIBBERT** | **1015** | **178** | **172** | **172** |

# Conversão Eficaz

**Steven Chandler**

Jurandir Bonifácio Mantel, nascido em 1896 na cidade do Rio de Janeiro, viveu a maior parte de seus setenta e quatro anos buscando a verdade. Êste seu anseio o levou, ainda môço, a adotar a fé espírita, entre cujos seguidores logrou destaque devido aos conhecimentos obtidos pelo estudo. Aos vinte e sete anos, já havia fundado seu próprio centro espírita. Nos anos que se seguiram, organizou diversos outros, escreveu três livros sôbre religião, e tornou-se um líder renomado dêsse movimento no Brasil. Não obstante tudo isso Jurandyr nunca deixou de procurar a verdade que, ìntimamente, sabia existir.

Em 1919, Jurandyr conheceu Adelaide, sua futura espôsa, que emigrara de Portugal. Casaram-se no ano seguinte. A espôsa, devota em sua fé, interessou o marido na sua religião, mas êste cedo descobriu que tal carecia da verdadeira autoridade e, por isso, rompeu todos os laços com ela. Sentindo-se decepcionado, decidiu permanecer fiel ao movimento a que era partidário.

O Irmão Mantel travou o primeiro contato com a Igreja em junho de 1970, quando sua filha Jurema foi batizada. Nos quatro meses seguintes, Jurema esforçou-se incessantemente para levar também aos pais a felicidade encontrada por ela e sua família. Logo Jurandir e Adelaide estavam lendo o Livro de Mórmon e recebendo as lições. Sentiram-se muito impressionados pelos padrões seguidos pela juventude mórmon, que lhes deu maior interêsse em averiguar a respeito da Igreja. Jurandyr cumpriu os compromissos assumidos perante os missionários, deixando de fumar, hábito que possuía há 59 anos, assim que lhe explicaram a Palavra de Sabedoria.

O casal foi batizado no dia 31 de outubro de 1970. "Fui batizado profundamente convicto, sabendo, sem sombra de dúvida, que o estava sendo na Igreja de Jesus Cristo", declarou o Irmão Mantel após o batismo.

O Irmão Mantel e sua espôsa são membros ativos do Ramo da Tijuca — MBN. Êle possui aptidão especial para escrever, pintar e desenhar, além de ser poeta.



# Missão Brasil Norte

| RAMOS/DISTRITOS | ENDERÊÇO | PRESIDENTE | N.º de Membros | N.º de Famílias | N.º de Assinantes d'A Liahona | N.º de Missionários | CONVERSÕES Janeiro | CONVERSÕES Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Belo Horizonte | R. Levindo Lopes, 214 | Cláudio I. Bueno | 456 | 156 | 31 | 8 | — | — |
| Floresta | R. Levindo Lopes, 214 | Robert G. Taylor | 295 | 113 | 20 | 8 | 10 | 10 |
| Juiz de Fora | R. Espírito Santo, 743 | Mark Taylor | 275 | 90 | 17 | 6 | — | — |
| **Distrito de Belo Horizonte** | **R. Levindo Lopes, 214** | **Angelo B. Perillo** | **1026** | **359** | **68** | **22** | **10** | **10** |
| Anápolis | (não há ramo) | | — | — | 12 | 4 | — | — |
| Brasília | Av. W5, mod. 59, n.º 913 | Luiz M. Barros | 395 | 152 | 39 | 10 | 1 | 1 |
| Goiânia | R. 55, n.º 33, CP 714 | Rodney Owens | 214 | 81 | 32 | 6 | 3 | 3 |
| **Distrito de Brasília** | **Av. W5, mod. 59, n.º 913** | **Wayde C. Stoker** | **609** | **233** | **83** | **20** | **4** | **4** |
| Cascadura | R. Silva Telles, 99 | Lery T. Carvalho | 551 | 197 | 44 | 20 | 8 | 8 |
| Jardim Botânico | R. Zara, 17 | Val H. Carter | 393 | 141 | 3 | 12 | 7 | 7 |
| Meier | R. Silva Telles, 99 | Antonio A. Costa | 281 | 102 | 37 | 8 | — | — |
| Niterói | R. Miguel Couto, 418 | Geraldo de J. S. e Silva | 392 | 141 | 54 | 8 | 1 | 1 |
| Nova Friburgo | Av. Galdino do Vale, 43 | Estevão Camargo | 60 | 13 | 7 | 2 | — | — |
| Petrópolis | R. Tereza, 52 | Dana Blackham | 186 | 59 | 4 | 4 | — | — |
| Teresópolis | R. Carmela Dutra, 661 | Randall Lunt | 130 | 50 | 11 | — | 1 | 1 |
| Tijuca | R. Silva Telles, 99 | Ruben A. Galdo | 438 | 151 | 99 | 10 | 7 | 7 |
| Vitória | R. Barão de Monjardim, 107 | Elverson B. T. Miranda | 104 | 38 | 11 | 4 | — | — |
| Volta Redonda | R. Panamá, 11 | Heraldo B. Barroso | 77 | 19 | 10 | — | — | — |
| **Distrito do Rio de Janeiro** | **R. Silva Telles, 99** | **Valdemar Cury** | **2612** | **911** | **280** | **64** | **24** | **24** |
| Campina Grande | R. Siqueira Campos, 655 | José F. Barbosa | 74 | 22 | 14 | 2 | — | — |
| Fortaleza | R. Barão de Aracatí, 786 | Paige Jeffs | 81 | 27 | 16 | 6 | — | — |
| João Pessoa | Av. João Machado, 765 | Luís P. de Carvalho | 157 | 31 | 19 | 4 | — | — |
| Recife | R. das Ninfas, 30 | Evaldo F. de Oliveira | 450 | 153 | 111 | 12 | 2 | 2 |
| **Distrito de Pernambuco** | **R. das Ninfas, 30** | **Alfredo F. T. de Miranda** | **762** | **233** | **160** | **24** | **2** | **2** |
| **MISSÃO BRASIL NORTE** | **R. Stefan Zweig, 158** | **HAL R. JOHNSON** | **5009** | **1736** | **591** | **130** | **40** | **40** |

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

# Missão Brasil Sul

## desenvolvimento contínuo na região sul

| RAMOS/DISTRITOS | ENDERÊÇO | PRESIDENTES | N.º de Membros | Assinantes d'A Liahona | MISSIONÁRIOS Distr. | MISSIONÁRIOS Integral | CONVERSÕES Janeiro | CONVERSÕES Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Bagé | Av. Gal. Osório, 845 | Richard Pettingill | 273 | — | — | 2 | — | 2 |
| Dom Pedrito | R. Bernardino Angelo, 546 | Wayne Borgenson | 16 | 1 | — | 2 | 3 | 2 |
| Livramento | R. 24 de Maio, 247 | Luis A. de Barros | 510 | 4 | — | 4 | — | 4 |
| São Gabriel | | Richard Johnson | 53 | 6 | — | 4 | — | 4 |
| **Distrito de Bagé** | **R. 24 de Maio, 247** | **Salvador Santana** | **852** | **11** | **—** | **12** | **3** | **12** |
| Criciuma | R. Henrique Lages, 503 | Paulo de Oliveira | 135 | 8 | — | 2 | — | 2 |
| Florianópolis | R. Ten. Silveira, 56, 1.º and. | João Raulino | 273 | 13 | — | 4 | 5 | 4 |
| Tubarão (dependente) | R. S. Manoel - Gal. Pio XII, Apto. 302 | Edward Brown | — | — | — | 2 | 1 | 2 |
| **Distrito de Florianópolis** | **R. Ten. Silveira, 56, 1.º and.** | **Daniel MacKintosh** | **408** | **21** | **—** | **8** | **6** | **8** |
| Ipoméia | Estr. Videira, s/n.º | Heinrich Blind | 49 | 5 | — | — | — | — |
| Pôrto União | R. Manuel Ribas, 100 | Lino L. Alves | 289 | 4 | — | — | — | — |
| **Distrito de Ipoméia** | **Estr. Videira, s/n.º** | **Elias L. Alves** | **338** | **9** | **—** | **—** | **—** | **—** |
| Blumenau | R. Al. Rio Branco, 210 | Briant Stringhan | 52 | 1 | — | 6 | — | 6 |
| Itajaí | R. 15 de Novembro, 176 | Hal D. Jones | 77 | 3 | — | 2 | — | 2 |
| Joinville | R. Max Colin, 426 | Ceslav Gontarsyck | 286 | 27 | — | — | — | — |
| **Distrito de Joinville** | **R. Max Colin, 426** | **Oscar Piske** | **415** | **31** | **—** | **8** | **—** | **8** |
| Caràzinho | R. Flôres da Cunha, s/n.º | Waldomiro Radtke | 66 | 1 | — | 2 | — | 2 |
| Erechim | R. 7 de Setembro, s/n.º | Celso Capudi | 184 | 9 | — | 4 | — | 4 |
| Passo Fundo | Av. Brasil, 576 | Norberto S. Marques | 155 | 4 | — | 4 | — | 4 |
| **Distrito de Passo Fundo** | **R. 7 de Setembro, s/n.º** | **Celso Capudi Filho** | **405** | **14** | **—** | **10** | **—** | **10** |
| Pelotas | R. Princesa Isabel, 86 | Paulo Pawlenko | 764 | 17 | — | 4 | — | 4 |
| Rio Grande | R. Aquidaban, 621 | José dos Santos | 288 | 1 | — | 4 | — | 4 |
| **Distrito de Pelotas** | **R. Princesa Isabel, 86** | **Frederick Blind** | **1052** | **18** | **—** | **8** | **—** | **8** |
| Cachoeira do Sul | R. Saldanha Marinho, 644 | Miracildo B. de Quadros | 144 | 12 | — | 4 | 2 | 4 |
| Canôas | R. 15 de Janeiro, s/n.º | Antônio Krieger | 279 | 13 | 2 | 4 | 4 | 4 |
| Guaíba | | Ray Parker | — | — | — | — | — | — |
| Pôrto Alegre I | R. Marquês do Herval, 349 | Marciano Schneider | 779 | 13 | 4 | 4 | 4 | 4 |
| Pôrto Alegre II | R. Princesa Isabel, s/n.º | Leonildo G. Oliveira | 701 | 8 | 1 | 4 | 1 | 4 |
| Pôrto Alegre IV | R. Princesa Isabel, s/n.º | Nelson Delvaux | 675 | 19 | 4 | 2 | 3 | 2 |
| Pôrto Alegre V | R. Adão Baino, 330 | Dorival B. Kunz | 131 | 19 | 2 | 6 | 9 | 6 |
| Pôrto Alegre VI | R. Sta. Maria, 80 | Thomas Rudolph | 589 | 1 | 6 | 2 | — | 2 |
| Pôrto Alegre VII | R. Gen. Rondon, 42 | Ivo da Silva | 339 | — | 4 | 4 | 1 | 4 |
| **Distrito de Pôrto Alegre** | **R. Marquês do Herval, 349** | **Joaquim da Costa e Silva** | **3637** | **85** | **23** | **30** | **24** | **30** |
| Cruz Alta | R. Coronel Pilar, 590 | Cordell Atkins | 151 | — | — | 2 | — | 2 |
| Santa Maria | R. Vale Machado, 1678 | Euclydes Gonçalves | 246 | 3 | — | 4 | 1 | 4 |
| **Distrito de Santa Maria** | **R. Vale Machado, 1678** | **Gidean Gay** | **397** | **3** | **—** | **6** | **1** | **6** |
| Santa Rosa | R. Mal. Floriano, 2102 | Jay Holloman | 25 | — | — | 2 | — | 2 |
| Santo Ângelo | R. Buenos Aires, 59 | Décio Oliveira | 54 | 3 | — | 4 | — | 4 |
| **Distrito de Santo Ângelo** | **R. Buenos Aires, 59** | **Val D. Warnick** | **79** | **3** | **—** | **6** | **—** | **6** |
| Caxias do Sul | R. Júlio de Castilhos, 876 | Luiz C. Coronetti | 124 | 8 | — | 4 | 1 | 4 |
| Lages | R. João de Castro, 451 | Hugh Christensen | 105 | 4 | — | 2 | — | 2 |
| Montenegro (dependente) | R. João Pessôa, 1172 | Williams Edwards | — | — | — | 2 | — | 2 |
| Nôvo Hamburgo | R. Pedro Adams, 5355 | Reinaldo Grahl | 171 | — | — | 4 | — | 4 |
| São Leopoldo | R. Theodomiro Fonseca, 484 | Leopoldo A. Moraes | 210 | 6 | — | 4 | — | 4 |
| Vacaria (dependente) | R. Dr. Flôres, 157 | Edward Baun | — | — | — | 2 | 2 | 2 |
| **Distrito de São Leopoldo** | **R. Pedro Adams, 5355** | **Ari Thomas** | **610** | **18** | **—** | **18** | **3** | **18** |
| Alegrete | R. Valdemar Masson, 85 | Avelino P. Pereira | 419 | — | — | 2 | 4 | 2 |
| São Borja | R. Gal. Marquês, 1355 | Ovidio P. Loureiro | 100 | 8 | — | 2 | 1 | 2 |
| Uruguaiana | R. 7 de Setembro, 1915 | Toribio Chamorro | 287 | 3 | — | 4 | 1 | 4 |
| **Distrito de Uruguaiana** | **R. 7 de Setembro, 1915** | **Roger Jenkins** | **806** | **11** | **—** | **8** | **6** | **8** |
| **MISSÃO BRASIL SUL** | **R. Dr. Flôres, 105, 14.º and.** | **ORSON P. ARNOLD** | **8999** | **224** | **23** | **114** | **43** | **114** |

# A Liahona Promove Disputa Entre Campeões




O Irmão Milton G. Cabral, representante d'A Liahona no Ramo da Tijuca, é um dos responsáveis pelo sucesso.

**Mais uma unidade vencedora** figura nêste mês nas páginas d'A Liahona. Após intensivo trabalho junto aos membros locais, o Ramo da Tijuca - MBN, elevou seu número de assinantes a **100**, o que lhe dá o direito ao prêmio de **10 assinaturas.**

Sua Ala ou Ramo poderá ser o próximo contemplado. Contribua para isso, renovando ainda hoje a sua assinatura.

Na corrida dos campeões figuram os seguintes colocados:

| | |
|---|---|
| **Recife - Pres. Evaldo F. de Oliveira** | **111** |
| **Tijuca - Pres. Ruben A. Galdo** | **100** |
| Ala V - Pinheiros - Bispo Humberto Silveira | 67 |
| Niterói - Pres. Geraldo de J. S. e Silva | 55 |
| Ala II - B. Saúde - Bispo Antonio Andreolli | 55 |
| Gonzaga - Pres. Daniel da Glória | 51 |
| Ala XI - Moóca - Bispo Wagner dos Santos | 46 |
| Ala São Vicente - Bispo Adriano Silva | 44 |
| Cascadura - Pres. Lery T. Carvalho | 44 |
| Brasília - Pres. Luiz M. Barros | 39 |

# Profundamente Grata

**Greg Larsen**

**Leopoldina Coelho Arantes,** primeira pessoa batizada na Igreja, no estado de Goiás, está convicta de que os membros que se convertem à Igreja sempre foram mórmons em potencial. Seu testemunho do Evangelho é sua maior riqueza, tendo aumentado consideràvelmente desde sua conversão, em 1960. Muito antes de baterem à sua porta os dois jovens missionários, anunciando ser representantes de Jesus Cristo, já tinha o testemunho de que Deus vive e dirige sua verdadeira Igreja na face da terra. A Irmã Arantes conta que, por mais de um ano, orava a Deus pedindo-lhe o rumo de sua verdadeira organização que, ìntimamente, sabia existir. Naquela época de ansiedade e busca, a Irmã Arantes, já mãe de quatro filhas, tinha a certeza de que, se o Pai Celestial a julgava digna de confiança para encarregá-la do cuidado dêsses espíritos, certamente também lhe mostraria o caminho para unilos como família.

Recorda perfeitamente o dia-frio e chuvoso em que os jovens mórmons chegaram à sua casa, onde ficaram a manhã inteira respondendo às inúmeras perguntas com que os bombardeou. Naquele mesmo dia, decidiu-se quanto ao seu batismo e, pouco tempo depois, efetivou-o. As visitas subseqüentes dos missionários dissiparam tôdas as dúvidas que a tinham perturbado, e agora sabia que encontrara a verdade.

Ao ingressar na Igreja, pôde sentir a paz e alegria proporcionada pelo verdadeiro Evangelho, mas nem por isso deixou de encontrar em seu caminho novas provações que fortaleceram grandemente seu testemunho. Surgiram sérios problemas no seio da família e ela viu-se forçada a não freqüentar as reuniões. Quando conseguia ir, às vêzes as reuniões tinham que ser realizadas às escondidas, por causa da vizinhança que se opunha implacàvelmente à nova religião naquela área. Durante cêrca de um ano, não pôde comparecer aos serviços religiosos, mas isto sòmente contribuiu para aumentar seu testemunho. Depois, durante mais alguns anos, as reuniões passaram a ser realizadas na sua sala de estar, onde o pequeno grupo de santos podia continuar funcionando como ramo. Êsses problemas lhe trouxeram uma profunda e constante fôrça de fé, e, após seu batismo, teve o privilégio de ver o número de santos aumentar consideràvelmente (de 1, a mais de 200), e a oportunidade de ser, ela mesma, uma grande contribuição à causa missionária.

Agora, a Irmã Arantes é presidente da Sociedade de Socorro do ramo, e suas aptidões são sentidas em quase tôdas as organizações da Igreja. Suas filhas, Débora, Marilyn, Josette, Cristianne e Simone possuem tôdas o mesmo desejo de seguir o exemplo materno de servir ao Senhor. Diz a Irmã Arantes que a Igreja é a sua vida, e certamente poderá dizer-lhes que "sòmente u'a mãe pode sentir a necessidade do Evangelho para criar uma família". Ela é, hoje em dia, uma mulher profundamente grata!

# Auto-Análise

**Richard L. Evans**

do Conselho dos Doze

Existe um provérbio que diz: "Não acredite nas intrigas da bôca de um inimigo." Mas, talvez possamos acreditar em nosso exame do próprio eu. Assim sendo, façamos uma pequena auto-análise no tocante a uma série de pontos: Se estivesse procurando alguém em quem devesse confiar, seria êste você mesmo? Gostaria de encontrar a si próprio, se estivesse em dificuldades? Gostaria de estar à mercê de si mesmo? Se os seus semelhantes não tivessem fechaduras em suas casas, celeiros, bancos, você jamais entraria aonde não tivesse direito? Se não houvesse contas, tribunais, prisões, desonra — tomaria algo ao que sabidamente não tivesse direito? Serviria a um homem modesto tão honestamente quanto ao que tivesse influência? Pagaria o mesmo preço justo por alguma coisa que a pessoa fôsse obrigada a vender como por algo de que não necessitam dispor? Respeitaria um contrato verbal tão honestamente quanto um escrito? Se achasse alguma coisa que ninguém soubesse ter você encontrado, procuraria o dono ou metê-la-ia no próprio bôlso? Transigiria numa questão de certo ou errado? Fala tão bem de seus amigos quando não estão por perto como quando presentes? Se cometesse um engano, reconheceria o êrro ou pretextaria estar certo, mesmo sabendo estar errado? Você mereceria a mesma confiança longe de casa quanto onde é conhecido? Pensa que o mundo lhe deve algo ou reconhece honestamente que deve trabalhar pelo que deseja? Esforça-se realmente para melhorar seu desempenho? Procura fazer seu trabalho ou tem "matado tempo", por receio de estar fazendo demais? Você empregaria a si próprio? Gostaria de trabalhar para você mesmo? Se fôsse seu próprio sócio, poderia confiar em si? Caso seu sócio falecesse, trataria sua família tão equitativamente como se ainda vivo? E se caísse enfêrmo, tratá-lo-ia não apenas com justiça mas também generosamente? Lancemos mais um olhar lá no íntimo: Gostaria de trabalhar para você mesmo? Gostaria de viver com você mesmo? Admito não ser êste um teste suave. Mas, às vêzes, é bom desvendarmos nosso íntimo e nos examinarmos tão honestamente como se fôssemos outra pessoa qualquer.